



**MOIS
BENARROCH**

O Ladrão de Memórias



O Ladrão de Memórias

Mois Benarroch

Traduzido por Cátia A. G. Fernandes

“O Ladrão de Memórias”

Escrito por Moïs Benarroch

Copyright © 2018 Moïs Benarroch

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Cátia A. G. Fernandes

Design da capa © 2018 Matteo Losurdo and Liah Benarroch

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

O Ladrão de Memórias

MOIS BENARROCH

© 2012 Moïs Benarroch

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[O Ladrão de Memórias](#)

[FIM](#)

PRIMEIRA PARTE

A autobiografia do ladrão de memórias

1.

Desmaiei.

Estava numa bicicleta, descendo a costa, era o meu primeiro ou segundo dia numa bicicleta, e descia sem saber o que fazer com os pedais. A paisagem não me lembrava nada conhecido. Tinha oito anos, o meu cabelo era comprido. E descia a toda a velocidade. No fim da costa vinha um carro que se dirigia para mim para subir a costa. Embati no carro e saltei, deixando atrás a bicicleta e voando por cima do carro de um lado ao outro. E desmaiei. E desmaiei.

Mas já não estava nessa costa, estava caído numa loja de sapatos, rua Yaffo, uma rapariga olhava-me de cima, era a mesma empregada de caixa que tinha olhado por um breve momento, mas longo o bastante para a memorizar, enquanto uma senhora idosa me levantava pelas costas e me estendia um copo de água. Está bem, senhor? Enquanto me levantava vi vagamente as calças um pouco largas da empregada de caixa, e a sua perna direita, ao subir a meia castanha e bastante feia, vi que tinha uma prótese. Rapidamente a pele dava essa noção de cor irreal e inerte, que imediatamente me disse tratar-se de algo que não era pele.

- Sim, sim, estou bem, já estou bem. Não se preocupem mais. Deve ser algo que comi esta manhã.

A empregada de caixa olhava-me, enquanto outros transeuntes vinham a ver o que se tinha passado e chegava o som de três ou quatro tratores que estavam a preparar a linha do novo metro, sempre futuro, desta cidade.

Levantei-me.

- Quer que lhe chamemos uma ambulância? - perguntou a mulher mais velha.

- Pode sentar-se aqui - disse a empregada de caixa enquanto coxeava muito ligeiramente, trazendo uma cadeira.

- Não, nada disso, desmaiei, são coisas que acontecem, não é nada de grave, não se preocupem, já irei eu próprio ao médico... Nunca desmaiaram?

Saí sem deixar que me respondessem, e passei com dificuldade para o passeio da frente. Sentei-me dentro do café verde, onde serviam um dos melhores cafés da cidade. Pedi um café expresso ristretto e expliquei-lhes (é que tem sempre que se explicar e voltar a explicar) que o queria muito curto, «Muito, muito curto» e mostrei os meus dois dedos para que se visse que o que queria era café e não água. Mas a minha explicação não teve grande êxito e trouxeram-me uma chávena quase cheia de água, «Ei, não!» disse com essa cara já tão pronta para pedir um mais curto, «Olha, metade da água, e menos». Às vezes cedia e

bebia-o, ou pedia um macchiato, que era mais fácil de ingerir longo, mas desta vez necessitava de um bom ristretto. Todo o corpo mo pedia.

Da segunda vez o café melhorou bastante e sentei-me a bebê-lo, a tentar compreender o que me tinha acontecido na loja. Era algo bastante familiar, e surpreendente. Era algo que me estava a explicar muitas coisas sentidas no meu passado. Mas o que era? Que me sucedera?

Depois do café fui à casa de banho e o primeiro que pensei foi que a literatura me estava a enlouquecer, que não era mais do que a imaginação de uma personagem futura ou passada, alguém sobre o qual escreverei, ou pior, sobre o qual já escrevi. Detesto os meus livros anteriores e, no momento em que se publica um, o que quero é esquecê-lo. Comecei por tirar todos os meus livros do meu quarto, para que não me incomodassem ao escrever, depois da casa, dei-os todos, e agora, quando me perguntam se tenho algum exemplar de um livro, sinto-me incomodado, porém digo que apenas me resta um de cada, o que não é verdade. Não tenho nenhum exemplar dos meus sete livros em minha casa. Nenhum. Digo-o e escrevo-o aqui pela primeira vez. E além disso, não sei o que responder quando me perguntam sobre os meus livros anteriores, quando me perguntam sobre esta e aquela personagem, e até tento esquecer-me dos títulos, coisa que não consigo. Recordo-me das minhas personagens como outros se recordam de amigos que não veem há anos, vagamente, mais os mais simpáticos, até sinto falta deles por vezes, e alguns esqueço-os de todo, «Ah, sim, esse advogado mexicano, como se chamava?, sim, era Luis Benzimra, ou algo do género, não me lembro.» As pessoas pensam que me estou a armar em esperto, mas a verdade é que sou um escritor péssimo em entrevistas.

Mas esta não era uma personagem. Era uma memória. Lembrava algo. Algo que não tinha vivido. Isto não era a minha imaginação a criar a personagem da próxima história (que é sempre a primeira, a minha primeira história), mas o que é que lembrava?

Voltei para a sala da cafeteria. No meu lugar tinha-se sentado uma jovem estudante, que lia livros de Levinas. Parecia francesa e, como sempre, atraíam-me as francesas. Neste país, cada vez que me sentia atraído por uma mulher, ouvia-a dois minutos depois a falar em francês. Pedi outro café, outro muito curto, mais curto que o da última vez, agora serviram-mo bem.

Poderia ter a ver com reencarnações? Em mais de uma ocasião, li textos sobre esse tema, e sobre pessoas que subitamente se deparam num país desconhecido, ao qual vão pela primeira vez, mas lembram-se daquele beco, e até de algo que está escondido no sótão, ou na parede, ou no teto, ou no chão do sótão. Um anel, um manuscrito importante, moedas de ouro. Têm havido casos assim.

Mas eu, pelo contrário, não me recordava de nada, a paisagem da minha imaginação, as casas na costa por onde descia a minha bicicleta e, não sei porquê, tenho a necessidade de dar um nome à minha bicicleta, sim, a minha bicicleta é desconhecida. Tive várias bicicletas desde jovem, mas nenhuma era a do meu desmaio, nem a que tinha visto nessa memória. Na minha infância, o meu pai importava bicicletas e tinha uma loja de brinquedos. À entrada da loja haviam bicicletas para crianças, entre dez e vinte, de todas as cores. Nas férias lembro-me sempre de bicicletas. Mas eram muito diferentes da do desmaio. Em que é que eram tão diferentes? A bicicleta da loja era velha, estava enferrujada, como se a tivessem tirado do sótão de um avô, as do meu pai estavam sempre novas. Era isso, era a primeira vez que montava nessa bicicleta do meu avô. Porque é que digo que eu montava? Então, se era eu, mas quem era esse eu.

Era como se me tivessem transplantado a memória de outra pessoa para a minha cabeça, para o meu cérebro, uma memória de alguém tinha escapado da sua mente para penetrar na minha.

Pronto, está bem, mas já tive antes esta sensação. Sim, tive-a. De repente, à frente de alguém, via claramente algum segredo seu. Quando era jovem, muito jovem, dizia-lho à pessoa, como vejo, por exemplo, que o teu pai apagou uma vez um cigarro na tua mão direita. Mas como podes saber isso? Era a reação. Eram flashes de memórias que me chegavam mas, cada vez que tentava concentrar-me para saber o que acontecia à pessoa que estava à minha frente, que normalmente era uma mulher que me tentava impressionar, dizia um disparate enorme, à qual respondia «Dizes alguma coisa...». Talvez fossem segredos íntimos, dos quais nem sequer elas estavam conscientes, ou tinham medo de que alguém o descobrisse, talvez, mas penso que não era o caso, porque quando eu falava, de rompante, a pessoa à minha frente ficava um pouco atordoada e não tinha outro remédio se não confessar que o que eu dizia era verdade.

Isto já me tinha acontecido, sem desmaiar. Todo isto tinha a tão conhecida sensação de déjà vu, de algo já vivido.

Então eram as memórias de outras pessoas e não a imaginação de um escritor em delírio. As memórias de outros, vivos ou mortos, talvez de outros que já fui, ou de outros que nunca serei. De que são então compostos os meus livros. De quê? De quem?

Decidi acender uma cigarrilha e, mesmo antes do fósforo chegar ao castanho, veio a empregada a dizer-me que era proibido fumar. A lei entrou em vigor há uns meses e, além disso, aplicam multas muito altas. Se quiseses podes fumar fora. Está bem, obrigado. Acho que vou beber um terceiro café, mas não, dois cafés de manhã podem-me subir a tensão ou deixar-me nervoso, ou as duas

coisas. Tenho a tensão alta mas nunca a meço, tenho medo de saber que está alta, ou não acredito em nada disso. Além disso, os comprimidos que tentei ingerir duas vezes caíram-me tão mal, que prefiro ter a tensão a mil. Da primeira vez pus-me a gritar com toda a gente como se fosse uma fera, da outra fiquei de cama depois do terceiro de toma. Sou muito sensível, e apercebo-me quando é a tensão a subir, e hoje é melhor não tomar outro café.

Assim que, se alguém se questionar (uns sim e outros não), sim, talvez tenha desmaiado por motivos de saúde. Mas, de qualquer modo, seria a primeira vez que isto me ocorre. E de saúde, tirando a tensão, estou bastante bem. Claro que todas as pessoas estão bem de saúde até estarem mal. Tem que se começar por algum lado.

Portanto, convenço-me de que não tem nada a ver com saúde, que é uma mensagem dos céus, algo que tenta entrar pela minha porta há meses, ou mesmo anos, para me dar uma novão visão sobre o mundo. Então, talvez a memória seja matéria, ou é também matéria, não só matéria, algo parecido com luz, é matéria e energia, mas que, num momento inesperado, essa matéria se escapa de alguém, e eu consigo vê-la, como pode cair uma nota do bolso a alguém, e eu a apanhar sem que ele se aperceba ou, se chega a aperceber-se, pelo menos consigo ver que é uma nota de 200 shekel ou de 100 dólares. Talvez isto o aborreça, ou talvez não. Mas se lhe cai a nota e eu a encontro depois, então talvez fique sem nota, e talvez o saiba, ou apenas se aperceba muitos dias depois ou, se tem muitas notas de 100\$, na melhor das hipóteses, nunca se irá aperceber. Pode ser um despistado como eu, que nunca sabe quantas notas leva na carteira. Nem sempre, às vezes sei-o. A maioria das vezes sei-o, quem nunca sabe é a minha mulher.

E então quem é a minha mulher, por vezes tenho a sensação de ver as suas memórias. Ela diz-me que sou muito inteligente e sempre me disse que a leio. Mas talvez não seja tão inteligente, simplesmente vejo coisas que outros não veem, como alguém pode ter um olfato mais apurado que os demais.

Aqui estou eu, diante do café que não pedi, pedi um copo de água e decidi-me, finalmente, a acender esta cigarrilha, e chego à conclusão de que não sou inteligente. Ainda que tenha um Q.I: de 186, como mostrou o teste que me fizeram. Mas não, não senhor, não sou inteligente, é simplesmente um olfato melhor, cheiro as memórias dos outros.

Quando vejo na entrada de um hotel uma mulher e imediatamente sei que foi violada (algo que, se acreditamos nas minhas qualidades, é muito mais comum do que se pensa), e que essa memória é a que quer perder, provavelmente o que ela está a fazer é atirar-ma, para que eu a leve comigo, a escreva num livro e ela possa esquecê-la. Tem que se esquecer muito na vida para se continuar a viver, e talvez seja por isso que essas memórias tão traumáticas saem à luz do dia para

quem as possa ver. E eu, por isso mesmo, vivo a vida de um recluso, porque isto tudo me deixa maluco, fecho-me em minha casa a escrever ou a traduzir e vejo pouca gente, para não ter que confrontar-me com a mulher violada ou com o homem violador (que são menos que as mulheres violadas, ainda que se pense que são todos culpados, porque um violador pode violar 15 mulheres, é matemático), ou com o homem homossexual que não o quer ser, ou com a mulher que matou o filho e ninguém o sabe, vi todas essas memórias, vi-as e hoje, neste preciso momento, depois de desmaiar, os meus livros adquirem um significado que nunca tiveram,, que não deveriam ter. As minhas personagens não são mais do que memórias dos outros.

As ruas na cidade estão desertas, nas cafeterias há menos que dez pessoas, um segurança que vasculha os bolsos dos consumidores, nesta rua não se pode dar mais de dez passos sem passar por um sítio onde tenha havido um atentado terrorista, nesta cafeteria estou a dois passos do restaurante Sbarro, no qual morreram mais de quinze pessoas, cinco delas da mesma família, à minha esquerda o Kikar Tsion, onde houve uma bomba em 1975, e outra há uns meses, quantos mortos eram? Não me lembro, penso que 18, deve ser, o número 18 é um número que se repete em atentados, não percebo porquê, nem acho que seja muito importante, embora os místicos te digam que o 18 corresponde à palavra HAY em hebreu, língua em que cada palavra tem um valor numérico, e que a palavra HAY, que significa exatamente vida, corresponde ao número 18.

Mas esta não é a única razão das ruas desertas. A cidade está em constante mutação, todas as ruas em reparações, há dez anos que mudam a Kikar Tzion, e está sempre em obras, acabam alguma coisa e dois meses depois começam outra. E agora estão a construir um metro, ou o que chamam de comboio ligeiro, um comboio metropolitano para uma capital que se esvazia de dia para dia. Eu acho que fazem mais obras, que continuam dia e noite, para que venha menos gente ao centro da cidade, e para que seja mais difícil para um terrorista chegar às cafeterias e restaurantes apinhados.

E então, que terei eu vindo fazer esta manhã ao centro? E porque é que decidi passear pelas ruas, sim, fui de manhã comprar pilhas para o aparelho auditivo que uso há uns meses, parece muito distante neste momento, como se tivessem passado vinte anos, mas poderia igualmente ter voltado para casa a escrever ou a traduzir depois de comprar as pilhas, além disso o meu café é muito melhor que o café das cafeterias, ou simplesmente não queria voltar para casa. Sim, outra vez talvez, e mas, e simplesmente, e mas, não devia escrever tantas vezes estas palavras, é má educação, mas saem assim, já vem, outro mas.

Subitamente, é ela que entra na cafeteria, a empregada de caixa, olha-me por um instante, pergunta-me com os olhos se está tudo bem, é tímida, tanto ou mais

que eu, respondo-lhe «sim, estou muito melhor»; sorri, entra e pede croissants, lanches, cafés com leite, aguarda uns minutos e leva tudo para a loja, talvez tenha amigas que vieram para tomar algo, já não coxeia, nem sequer um bocadinho, mas sei perfeitamente que só tem uma perna, porém ela não sabe que o sei, se olho mais atentamente reparo que anda de maneira diferente das outras mulheres, tem calças, anda sempre com calças, isso é evidente, custa-me perceber porque anda diferente, mas é um andar pouco feminino, ainda que seja feminina, mas a sua forma de andar é mais rígida, como se nela o andar se fizesse apenas para ir de um sítio para outro, e não como andam as mulheres mais belas, para demonstrar que andam bem, e sim que te amam, poderiam andar com toda a graça que possuem até ti, e nesse andar fazer-te feliz. Eu sou um homem de passos, o que mais me agrada nas mulheres é a forma de andar, se vão para a frente, para onde se vira o seu rabo, se vão decididas, se andam de forma despreocupada, é nisso que me foco, por isso, para mim, o que mais impressionante é a mulher com uma perna que anda com as suas muletas, sobretudo por que tem que o fazer muito direita, e porque é totalmente diferente das que são bípedes. Não acho que se não tivesse desmaiado saberia que a empregada de caixa anda sobre uma perna, mas estou certo de que me teria focado na sua forma de andar e avançar sobre o mundo. Não acho que tivesse exercido grande atração, mas sim interesse.

Ao sair da cafeteria, a empregada de caixa não me sorri, em vez disso esquivava-se do meu olhar e faz o possível para não me ver. Prefere esquecer essa memória que caiu ao chão e eu vi num breve flash, que a perna que não tem se deve a esse acidente de bicicleta, é uma memória que vê frequentemente, e questionam-se sempre que vida teria tido sem esse acidente. Melhor? Certamente. Pior? Talvez, quem sabe, o que nos limita é o que nos faz mais felizes. Dia após dia, é uma memória que não a larga, e que em momentos inesperados retorna para a pôr em perguntas sem fim. Perguntas sem resposta. Como pode alguém continuar a questionar-se como seria a sua vida sem um acontecimento que foi decisivo? Não é uma pergunta, é uma armadilha do cérebro. Uma armadilha.

Por isso mesmo, acendo outra cigarrilha, por isso mesmo, cogito, apercebo-me agora, não posso continuar a perguntar-me como seria se os meus pais não tivessem decidido emigrar para este país quando eu tinha 13 anos. Não é uma pergunta, é uma armadilha, é um demónio que me persegue dia após dia, noite após noite, e os demónios têm que se deitar fora, têm que se extirpar, matar, libertar, tanto faz, que desapareça já esse demónio, é o que eu digo e o que não penso. Talvez a vida desse demónio já não seja separável da minha, a pergunta-armadilha é já parte integrante do meu corpo astral e nada nos pode separar sem

criar uma dor insuportável, quem sabe a morte de ambos. O exorcista é aquele que deve tirar o demónio sem matar quem o tem no seu interior, mas nem sempre é assim, por vezes morrem os dois ao mesmo tempo, e o pior é que por vezes é o demónio que sobrevive.

São, portanto, estes os demónios que vejo nas pessoas, talvez por isso deixei de dar tratamentos de medicina natural depois de estudar três anos, porque era impossível ver estes demónios, como aquela mulher com cancro da mama que achava a causa era ter sido violada quando tinha catorze anos, e como podia até formular alguma pergunta para que se abrisse quando o seu marido estava com ela. Serão estes demónios a origem de tantos cancros e doenças?

Ou a mulher em cadeira de rodas que apenas podia beber um copo de água, com esclerose múltipla, que tudo tinha sido causado pelos abortos que a deixaram estéril, anos antes na Suíça, e, quando lhe perguntei o porquê de não ter tido nenhum filho, disse-me «Bem, as coisas eram assim, se não a altura ou a situação económica não convinha à gravidez, abortava-se, eram assim as coisas nesse tempo», os anos 70, a liberdade sexual, a libertação de algo abre-nos sempre as portas para outras prisões.

A empregada de caixa já se foi, quase posso ver a sua loja da minha mesa no terraço do café, mas logo veio o cheiro horrível do esgoto que está a dois passos da minha mesa, de imediato um ambiente que dá vontade de vomitar e depois, do nada, tusso e mudo de mesa, vou mais para trás e já não vejo a loja, o cheiro ainda permanece, mas já é suportável. Peço uma limonada, não outro café, que isso já era demasiado.

Há anos que me apercebo que possuo estas qualidades, embora não seja como hoje, há anos que vejo coisas de repente, como essa nota que cai do bolso, porque quando realmente tento, quando, por exemplo, tento ligar-me a uma bela mulher através de alguma verdade que lhe digo, sempre me sai uma completa idiotice, é como tentar encontrar uma nota nas ruas, é como tentar ter sorte, a sorte somente vem, e somente pode vir, quando não a esperas.

Olho para o relógio, que já não é um relógio, mas sim um telemóvel que me mostra as horas, e são as onze, só as onze? Parece que passaram dias desde que saí de casa e este telemóvel soluciona-me o problema do relógio, de todos os meus relógios, que desde sempre duram em média duas semanas antes de se estragarem. Lembro-me do meu primeiro relógio, comprado pelo meu pai quando viajámos para Gibraltar. Estávamos todos, toda a família, os quatro, o meu irmão Ari que morreu aos oito anos, é a única viagem onde me lembro de estarmos os seis, o meu pai tinha um negócio qualquer para fazer na cidade e comprou relógios para todos, isso por volta das onze, mas o meu já estava estragado antes das cinco, hora a que íamos deixar a cidade, não me parece que

alguém se lembrasse em ir trocá-lo ou exigir um relógio novo, nessa época era um presente muito caro para uma criança de sete ou oito anos, desde esse que nenhum relógio me durou mais de um ano. Nem sequer o que me ofereceu o meu tio para o Bar Mitzvá, ao qual não veio porque viva em Rabat.

Mas, serão estas memórias minhas? Como posso sabê-lo? Na melhor das hipóteses são do senhor que acaba de se sentar ao meu lado, neste momento não percebo a diferença entre esta memória e a da bicicleta, que já é bicicleta, a minha bicicleta, a minha única bicicleta, provêm do mesmo sítio da minha mente, da mesma forma de pensar, ambas as memórias têm a mesma sensação de filme antigo, de algo que não se percebe muito bem se aconteceu realmente ou se é algo que nos foi contado mais tarde por um adulto, toda a minha infância se assemelha agora a esta bicicleta e a esse acidente, talvez porque quero esquecer outro, o da minha cabeça fora da sinagoga quando fui atingido na cabeça por um carro.

Tal como apareceu, desaparece o cheiro do esgoto, sem aviso prévio, pareço ser o único que sentiu ou se deu conta de alguma coisa, não vi ninguém que se tivesse afastado de uma mesa ou que demonstrasse estar ao lado de algo desagradável. Na melhor das hipóteses estou a enlouquecer e o cheiro é também a memória de alguém sentado algures, ou minha, já não importa. Neste momento.

Sim, estou a escrever tudo no meu computador, não na minha mente, estou a vivê-lo através das minhas palavras, palavras que, provavelmente, deveriam ser escritas em hebreu e não em castelhano, ou talvez não. A bateria está-se a acabar e entro novamente na sala, sentando-me ao lado de uma tomada, não sou o único a fazê-lo. Por vezes falta-me uma palavra, apenas a sei em hebreu, como se a palavra hebraica tivesse podido apagar a primeira palavra, inicial, com a qual denominei esta ou aquela coisa, escrevo-a em hebraico em alfabeto latino, para depois as procurar no dicionário. Porém, isso deixa-me nervoso, como por exemplo ter de encontrar uma combinação num determinado momento e não o poder fazer, normalmente lembro-me da palavra uns minutos mais tarde e vou então à página anterior e corrijo-a.

Devia parar e prosseguir amanhã, já tenho a ideia de como isto vai acabar e não me agrada escrever sabendo como continuam, ou pior, como acabam as coisas, não quero saber o que vai fazer a empregada de caixa daqui a um minuto, que, desconhecendo os meus planos, volta a entrar na cafeteria e não me vê, pede açúcar, pacotes de açúcar que se esqueceu de levar momentos antes, quer dizer, quase meia hora, e não me vê, desta vez não tenta esquivar-se-me, estou sentado num sítio onde ela não me pode ver, poderia convidá-la para um café ou para tomar algo, mas não o faço, deixo-a sair e contemplo novamente a sua

forma de andar, as suas calças verdes e a sua blusa vermelha. Prefiro que seja assim, prefiro que as coisas sejam inesperadas, prefiro não saber como vão ser a seguir, nem como vai acabar esta situação tão inesperada.

Imagino-a agora atrás da caixa, a vender uma ou outra saia e um par de sapatos, ou a responder a alguma pergunta relativa ao preço, ou bebendo café com leite com as amigas. O seu rosto começa a viver em mim, já vejo os seus olhos, mas não sinto nem paixão nem amor, apenas que deixou de ser, em menos de uma hora e meia, uma presença totalmente estranha, é-me familiar, além disso já temos uma bicicleta em comum, embora ela não o saiba, ou talvez sim, os seus olhares são algo cúmplices, na melhor das hipóteses não sou o único a sentir estas sensações de memórias que caem de bolsos ou de carteiras, na melhor das hipóteses caiu-me alguma memória que ela está a pensar neste momento, tal como eu, na melhor das hipóteses recorda-se do meu primeiro relógio ou do dia em que os meus pais me acordaram, para não mais voltar à nossa casa. A empregada de caixa e o meu relógio.

Podia pôr um pouco de música e ouvi-la no com os auscultadores, tudo, tudo para não ir agora mesmo à empregada de caixa e confirmar o que já sei, que a minha memória é o seu acidente. Desta vez vou fazê-lo, vou verificá-lo, desta vez não posso deixar passar esta oportunidade, vou fazê-lo. Sim, de verdade. Vou fazê-lo, mesmo que fique aqui sentado mais uma hora, ou duas, ou três. Ainda que queira continuar aqui a divagar nos meus pensamentos sobre a memória e o outro. Pensar no que aconteceria se lhe apagassem uma pessoa da sua memória e a colocassem na de outros. A Raquel dir-me-á que não são computadores, mais concretamente «Wa, não somos computadores, meu rei», mas eu continuo a questionar-me, porque além de tudo, o pior, o mas, é que é possível. Teoricamente, claro.

Ponho os meus auscultadores, ouço canções de Serrat, ajudam-me a concentrar no castelhano, língua materna, mas desde à muito tempo não natural em mim. Já nenhuma língua me é natural, mas empenhei-me em escrever em castelhano, embora dê erros, tem que se cair para aprender a andar, embora o meu pai me contasse que demorei muito para aprender a nadar, que era uma criança tardia, mas que quase nunca caí. Talvez o meu pai visse nisso algo muito positivo. Barquito de papel» é a canção que ouço, mas não é a versão original, a que recordo, acho que é a do disco sinfónico, que não me agradou tanto, prefiro canções com uma guitarra e poucos instrumentos, para ouvir melhor as palavras.

Recebo um e-mail, um e-mail de um escritor espanhol, quer que traduza dois capítulos da sua história para tentar encontrar um escritor israelita. Pergunta-me se estou de acordo, claro que sim, mas no final do e-mail surpreende-me, quando me propõe pelo trabalho 4150€. Eureka! Deve ser um engano, mas e se não o é,

estas coisas acontecem por vezes, pagam-te mais do que ias pedir, envio-lhe uma resposta, e durante os três minutos em que pensava ou sonhava com o que ia a fazer com todo esse dinheiro, responde-me que se enganou e que eram 150€. Disse-lhe que sim, que pensava que eram os reis magos. Pelos vistos estes milagres acontecem aos outros.

Tudo pode acontecer neste computador, Pedro Paixão envia-me uma citação de duas linhas de um escritor português, não percebo nada. Surpreende-me que conseguisse ler três livros seus completos em português, sobretudo o último, que é uma espécie de romance, como se estivesse a ler em espanhol ou em francês. Surpreende-me porque, ainda que consiga ler um jornal em português, e os originais de Pessoa me ajudassem diante da versão espanhola, nunca tinha lido outros autores totalmente em português. Quando leio o Paixão, leio o Paixão, e não as palavras, leio através das palavras. Porém, ainda que isso me tenha sucedido em espanhol, não acredito que o mesmo se possa fazer numa língua meio conhecida, talvez como Baudelaira a traduzir Whitman, essas coisas existam.

Vou comer alguma coisa, uma sanduíche, uma de pesto e queijo de cabra, que é a que gosto aqui, alguém me pede para baixar o volume da música, pelos vistos pu-la demasiado alta e ouve-se através dos auscultadores. Agora é «Soldadinho Boliviano» e é Paco Ibáñez que, ainda que me lembre dos anos 70, sempre que ouço o seu nome só me vem à cabeça que está casado com uma mulher israelita, e pergunto-me de seguida que importância é que isso tem. Mas esse pensamento volta sempre, como se essa memória estivesse programada para sair cada vez que se pronuncia o nome Ibáñez. O que não sei é a forma de apagar essa programação.

Já me está a agradar a empregada de caixa, começo a pensar nela noutros termos, incluindo sexualmente. Mas isso é, sou casado, e quê? Outro pensamento de cada vez que me sinto atraído por uma mulher, sou casado, e o casamento, o casamento, apercebo-me agora, num preciso momento, ou não muito preciso, deixa de ser um assunto a dois, vêm os filhos, e converte-se numa organização que tem a sua presença e é por si própria uma entidade, definida através de marido, mulher, filhos, e por vezes satélites chamados amantes, essa entidade cria um mundo e por vezes defende o seu território, apesar dos seus componentes, e por vezes a seu favor. Essa etapa é a que a vida moderna não consente e não percebe e, antes de entrar nela, a maioria das pessoas divorcia-se, outros entram mas acham que caíram numa grande armadilha e também se divorciam, mas na verdade é uma mutação normal e natural, que se cria quando duas pessoas se amam, num determinado momento os dois criam desse amor

uma entidade chamada casamento, Às vezes, cada vez mais, esse mesmo casamento criado por eles a partir do seu amor é o que vai a destruir o amor.

Agrada-me este pensamento, adoro-o, sinto-me lúcido, sim, inteligente, sinto-me inteligente, fico contente de ter pensado, de ter escrito estas palavras. Valeu a pena estar casado 17 anos para chegar a esta conclusão, por isso fico, continua a assombrar-me o que criam duas pessoas, agora que os filhos estão a crescer, que vem a menopausa da minha mulher, acredito que ainda se podem criar outras coisas, se fico, claro, se fico. Porque estou sempre a ausentar-me, pensando constantemente noutras vidas, e não sei se ficarei.

Agora a empregada de caixa é mais mulher, vejo-a a rir numa piscina e a chorar numa cama, converte-se numa memória viva, numa mulher de peitos e não apenas de acidentes. Não é só essa memória. Outro e-mail do escritor, desculpando-se novamente pelo engano, diz-me que também lhe aconteceu uma vez pagarem-lhe mais do que tencionava pedir por um trabalho, dez vezes mais. São coisas que acontecem.

A empregada de caixa entra novamente na sala, outra vez, desta vez cumprimento-a eu, um sorriso, porém não se apercebe, vem a comprar sanduíches para almoçar, é que fazem muitos israelitas nos últimos anos, descobriram as cafeterias e comer fora. Aceno-lhe com a mão, vê-me, pergunto-lhe, embora esteja um pouco longe, se quer beber alguma coisa comigo, não me ouve, aproximo-me dela, digo-lhe, tenho que te perguntar uma coisa, digo-lhe não será muito tempo, não posso, diz-me, não posso, a patroa está na aldeia e tem que voltar, pronto, quando acabas de trabalhar, às 4, às 4, espero-te aqui até às 4, digo-lhe, estou a escrever uma coisa, é só uma pergunta, nada mais, não tenho segundas intenções, serão apenas dez minutos, sorri-me, um sorriso feminino, uma mulher que diz sim, está bem, virei porque sou mulher e vejo que precisas de mim. Espero que esteja bem, que você se sinta bem, sim, já estou bem, perfeito, fico à tua espera.

E, ao sentar-me, lembro-me de outro sentar, numa cama, na qual o meu pai me está a agarrar e me diz que posso fazer tudo como toda a gente e tenho que ser forte. Mas, como num sonho, este é outro pai, desconhecido, e eu não sou eu. Sou a empregada de caixa e nem sequer lhe perguntei como se chama. Agora espero, a minha situação preferida, espero que me descubram, espero que venha uma mulher, espero que chegue dinheiro de algum lado, espero que algo solucione os meus problemas, espero que a minha mulher me deixe, espero que a minha mãe mude, espero que os meus amigos me chamem, espero que as palavras cheguem e que o meu livro se escreva, espero que o mundo mude, espero que o ar condicionado se conserte sozinho, espero a empregada de caixa.

Em vez de ir à sua loja e lhe perguntar assim de repente tiveste um acidente, em vez de ir espero.

É a uma, hora singular, recordo que quando era criança dizia «são as uma» e até agora me parece incrível que uma hora seja singular e não plural. Mas, o que importa isso na realidade, que tem a ver com a minha impaciência e com o meu encontro com a empregada de caixa. O meu encontro eminente. A realidade é literária, não psicológica, ou pelo menos é-o, em grande parte. Muitas das coisas que fazemos, fazemo-las porque correspondem a lógica de um conto ou de um romance. Terapia literária, não seria má ideia, respondo por vezes às pessoas, vais a divorciar-te porque isso corresponde à lógica do conto, porque se há um amante no capítulo três, no capítulo sete tem que haver um divórcio. Claro que, por vezes, as coisas são ao contrário, outra história, outra memória, outro conto.

E agora eu estou aqui e tenho que encontrar a empregada de caixa que não tem nome, posso começar a dar-lhe nomes, Tal, Talya, Taly, Sara, Meshi, Dana, Hila, Dina, tenho nomes de mulheres, muitos, centenas, mas preciso de um nome adequado, um nome que se adapte à sua forma de andar, ao verde das suas calças, ao seu olhar perdido num acidente, à beleza do seu cabelo, um nome que fale dos seus seios, do seu pai, da dor, um nome que acabe com o meu exílio.

Começo a ficar com calor, está tudo à volta. Já me dou conta, dou conta de que não via nessa memória da bicicleta, a que está na bicicleta é uma menina, é uma menina de oito anos, sou eu, outro eu ou o único eu, já vejo as casas mais nitidamente, sei onde estão, é em Austin, nos Estados Unidos, a casa branca e antiga de madeira à direita é a minha casa, perco o controlo da bicicleta porque o cão sai de casa de repente e além disso, é a primeira vez que ando sozinha na bicicleta, estou a suar, o carro vem de repente da rua de baixo, a condutora é uma nova condutora, virá ver-me depois ao hospital, depois de três semanas de coma, o doutor, ouço o doutor a decidir que a única forma de me salvar é amputar-me a perna por cima do joelho, assim, nessas palavras, a pouca consciência que tenho nesses momentos é, no entanto, clara. O meu pai, não é esse o meu pai, nem me está a agarrar, é o marido da minha mãe, o segundo marido, e explica-me algo enquanto estou na cama, nunca agarrou em mim mas sempre pensei que estava prestes a fazê-lo.

Levanto-me da mesa, pago, e saio com um saquinho, que contém um cappuccino que me pediu a minha chefe. Sinto como coxeio ao de leve, enquanto faço tudo para dissimular a minha forma de andar, gosto das calças verdes que estou a usar.

Chego à loja e sento-me atrás da caixa.

Dou o copo à minha chefe.

- Tens que fechar a caixa antes de ires.

- Sim, já está quase, mas faltam-me dez shekel.
- Bem, se são dez shekel, já os ponho eu.
- Sim, e além disso tenho um encontro. Então, obrigado.
- Um encontro, ah...
- Sim, bem, não exatamente, é com o homem que desmaiou aqui esta manhã, está a minha espera no café, diz que me quer perguntar uma coisa.

A minha chefe sorri, sorriso de mulher cúmplice. Eu vou mudar de passeio.

2.

Faltavam-me dez euros ao fechar a caixa, mas a minha chefe reparou que eu estava com pressa, «Sim, é que tenho um encontro», e disse-me que não era muito importante e que podia sair.

Ao sair vi a rua em obras, não podia passar para o passeio da frente, um trator impedia todas as hipóteses de mudar de passeio. Tinha pressa, mas sabia perfeitamente que ele esperaria, um tal senhor que veio esta manhã e me disse que queria perguntar-me uma coisa acerca da minha infância. «Só uma ou duas perguntas», nada de importante.

Nestes momentos em que não sei bem porque vou, é quando me chegam frases em catadupa, que me fazem sorrir, chegam assim, em forma de «menuda arrevoltina» ou «ah bueno Va´ada» ou «qué wajlá», que quer dizer mais ou menos o mesmo: uma confusão. Frases da língua dos meus avós e bisavós.

Bem, não há outro remédio, tenho que ir à praça de Kikar e voltar ali pela calçada, são uns minutos, e disse-lhe que viria um pouco depois das quatro, são as quatro e oito minutos.

E bem, tampouco tenho porque ir, que quererá este homem, embora pareça uma pessoa normal, e é num café, então não pode acontecer muita coisa. Sou uma mulher casada, indo a falar com um estranho. Aparentava estar muito mal na loja, como se lhe tivesse acontecido algo e estive-se prestes a desmaiar ou a ter um enfarte, o seu rosto ficou muito vermelho, como quando o meu marido teve um enfarte, mas não tanto, exagero um pouco, talvez porque, desde que isso lhe aconteceu ao meu marido, sou muito sensível, e cada homem que encontro que não aparenta sentir-se muito bem dá-me a sensação de que o seu coração está prestes a desfazer-se. Muito pó, aqui, por toda esta rua em obras, mais p

Chego ao café e vejo-o sentado na última mesa. Acena-me com a mão. Já o vi. Em que wajlá me estarei eu metendo. Eu, que nunca me meto em wajlãs, penso enquanto me dirijo a ele, embora não seja a primeira vez que a curiosidade me mete em problemas. Uma vez meti-me com um chulo de prostitutas que me queria contratar, mas este não me parece nem chulo nem de prostitutas, bem mais tímido e longe do mundo.

Sento-me.

- Queres beber alguma coisa?

- Sim, um café com leite.

- Muito bem, vou a pedi-lo, aqui tem que se fazer o pedido na caixa.

Diz-mo como se eu não soubesse, ou ele não soubesse que eu o sei.

Vai até à caixa coxeando um pouco, como se tivesse desferido um golpe poucos minutos antes. Volta e senta-se.

- Já to trazem, só uns segundos.

- Bem, não há pressa... Mas sim, estão à minha espera em casa, tenho que levar a minha filha à piscina.

Sim, é só um momento. Não tenho nenhuma intenção de roubar-te tempo. Chamo-me Jesús.

- Jesús!

Sim, bem, Jesús. Chamo-me Jesús. Não é muito comum, mas são coisas que acontecem. Mas sou ateu. Não acredito em nada. Sim, sim acredito em algo, na materialidade da memória.

- Quê?

- Bem, não importa, era uma piada, uma piada privada. Como te chamas?

- Ah, claro! Chamo-me Mercedes - respondo-lhe, enquanto a empregada me serve o café com leite a mim, e um café italiano a ele.

- Pois, sim, a pergunta.

- Sim, o que era tão importante?

- Queria perguntar-te... já não sei... é um pouco estranho. Queria perguntar-te se tiveste um acidente aos oito anos.

- Quem? Eu?

- Bem, sim... sim, a pergunta era para ti, se tu tiveste um acidente de bicicleta aos oito anos.

- Ainda por cima de bicicleta.

- Sim.

- Bem, não. Não, que eu saiba. Não me lembro de nada disso.

Contra um carro.

- Não.

O homem ficou um pouco estranho, como se estivesse absolutamente seguro que lhe dissesse que sim, tinha ficado completamente desiludido. O pior é que eu me comecei a assustar com a sua atitude, mas pior ainda era que esse acidente que não tive numa bicicleta foi, durante quase toda a minha adolescência, um dos meus maiores pesadelos.

- E não te amputaram uma perna?

- Não, homem, não vêes que tenho duas pernas, além disso toda a gente me diz que são muito bonitas, olha bem - e então levantei-me para ir embora -, não vêes a minha saia verde, por cima dos joelhos, podias ter reparado.

- Desculpe, sinto muito, devo tê-la confundido com outra mulher. Era uma amiga minha da escola. É um pouco complicado.

E agora estava tão encarnado, que eu própria já tinha que lhe pedir desculpa. Mas estava mais assustada que ele. El pensava que estava aborrecida porque não tinha visto as minhas belas pernas de bailarina, mas o que a mim me assustava era precisamente isso da perna, era sempre a perna direita que me amputavam no sonho, depois do acidente. Talvez tenha tido esse sonho entre os 12 e os 20 anos, e até hoje volta por vezes, mas não regularmente. Como podia este homem, que nem parecia ser chulo de prostitutas, saber com o que eu sonhava?

- E como se chamava a sua amiga?

- Bem, chamava-se... chamava-se... Raquel.

- Agrada-me esse nome.

- Nos Estados Unidos, em Austin. Uma amiga da minha infância. Os meus pais viveram lá um, e depois fomos embora, seis meses depois do acidente. Nunca mais a voltei a ver. Escreveu-me uma carta passado um ano e nada mais.

- E que perna era?

- A esquerda.

- Ah! Menos mal.

Não faço a mínima ideia do porquê de ter dito menos mal, talvez o alívio de que não sabia tudo dos meus sonhos. Pôs uma cara de porquê esse menos mal, mas penso que já não se atrevia a falar. Era óbvio que não existia essa amiga de Austin, tão certo como que o sol se vai pôr esta noite. «Tenho que ir,» e «Lamento pela sua amiga Raquel, embora saiba perfeitamente que a inventaste,» disse-lhe, enquanto coxeava ao de leve no caminho para a porta.

3.

Tudo o que me disse era mentira. Apercebo-me agora, nem o seu nome era verdadeiro. Ninguém diz o seu nome assim, há uma maneira de dizer o seu próprio nome, uma certa familiaridade. E agora não sei porque é que se encontrou comigo aqui, se era só para dizer mentiras. Talvez se tivesse sentido sob pressão e não pudesse dizer a verdade. Não sei qual é a razão mas, neste momento em frente do monitor, sei muito bem, com toda a certeza, que era tudo mentira.

Não estou sequer certo que tivesse vindo aqui, de que estivéramos sentados juntos um à frente do outro, que tinha bebido o seu café italiano, que tinha comido o seu croissant, que se levantara, fora ao lavatório e voltara rapidamente,

com demasiada rapidez, como se fosse para não se dar conta de que as coisas não eram normais.

Portanto, não aconteceu nada disto, não pode ter acontecido. Porque há coisas que, embora nos aconteçam, sabemos perfeitamente que se trata de um erro, que devemos esquecê-las e que, no momento em que deixarmos de pensar nelas, deixarão de existir. A formiga negra sobre a pedra negra na noite negra apenas existe se a escrever. Nem sequer Deus pode salvar essa formiga da inexistência se eu não a escrever. Eu, ou outro eu.

Por isso, os mais fortes são os que sabem apagar fatos, apagar a morte de um filho, até acreditar que não nasceu, e não aqueles que vão sempre a encontrar e a enfrentar a morte. Os que vivem são os que sabem mudar os seus passados, mudar as suas memórias.

E ninguém veio aqui hoje, não falei com ninguém, ninguém se sentou na mesa, são tudo ideias num monitor, a realidade tem muito pouco sentido nestes dias, tudo pode mudar, as pessoas podem mudar, um homem pode-se tornar numa mulher, um idoso num jovem, ou pior, numa jovem, a ciência, essa mesma ciência que destruiu o mistério da lua e das estrelas, está nestes mesmos dias a destruir a nossa própria realidade, o teu amigo volta para ti com uma cara nova, uma cara transplantada, o outro tem um coração de outra pessoa, como se o coração fosse um dedo, e não um coração cheio de memórias sentimentais, e se não for, que diferença há entre um coração e um cérebro. O que acontecerá no dia em que transplantarem cérebros? Talvez descubramos que, tal como o coração, embora nos ponham um novo cérebro, a mudança não seja tão drástica, descobriremos que as memórias não estão no cérebro, tal como os sentimentos não estão no coração.

Ou sim.

Não sei.

Mas se as memórias não estão no cérebro, nem os sentimentos no coração, então, então, aonde estão? Talvez as memórias vivam noutra dimensão, em membros do nosso corpo que não sabemos ver, que não podemos. Eu já as vejo. Eu vejo as memórias. Posso carregar as memórias dos outros. Posso sonhar sonhos de outros e posso sentir sentimentos de outros. Já sei que ninguém vai acreditar em mim, mas não tento convencer ninguém, apenas quero que saibam, daqui a mil anos, que alguém se apercebeu destas memórias muito antes.

SEGUNDA PARTE

Memórias do ladrão de memórias.

4.

Sim, claro que me recordo, embora pareça incrível, e porque não tenho que te explicar nada, sim, estou até a falar comigo próprio, sim, lembro-me de quando nasci, os primeiros dias, embora todos digam que as recordações começam aos três anos, eu lembro-me do dia em que nasci, lembro-me do olhar do meu pai depois de sair do útero, lembro-me da minha mãe a gritar, seria o último grito que ela deu, o grito da libertação, e depois o modo como puseram o meu pequeno corpo sobre o seu seio.

A primeira coisa perguntava a mim próprio era o que fazia neste corpo, como cheguei a este corpo, se este não era o meu corpo, então qual era, mas antes recordo o olhar do meu pai assustado, espantado, para mim, via-se que me queria morto, via-se no seu rosto que não tinha muita experiência, disse-mo depois, era o seu primeiro filho e, ao ver-me dessa cor vermelho-azulada, pensou por um instante que estava morto, até que, depois de uns minutos ou segundos, chorei pela primeira vez, e puseram-me no peito da minha mãe.

Então, que fazia eu agora neste corpo de bebé, eu que fui tanto, mas tanto, do que me lembrava, fui algum rei ou milionário, alguém importante, e agora de repente sou esse bebé, nesse corpo no qual não me reconheço, foi um momento terrível. Foi um medo terrível, como se te levantasses uma manhã sem poder mexer as pernas, como se te esquecesses para que servem. Bem, mais que isso, muito mais.

Uma vez contei tudo isto a um psicólogo, olhou-me como a um louco. Contei-o ao meu melhor amigo, e disse que era invenção minha. Mas eu lembro-me, e agora neste café, conto-o a mim mesmo e sei que não minto, embora aquele tipo ali ao fundo me olhasse como se estivesse louco, esse tipo com o seu computador, parece que me escreve, de vez em quando olha-me e depois continua a escrever, como um espião, há muitos espiões nesta cidade. E a mim quê, a mim que me importa. O que diabo me importa, se queres, criança idiota, podes continuar a escrever as tuas tolices, eu agora de mim para mim, sim, acredito nas minhas memórias. Não estou louco, sou um homem casado, tenho duas filhas, dirijo uma editora e ganho bem a vida, então não estou louco, apenas essa pequena particularidade de me lembrar da minha infância, a quem é que pode aborrecer isso, e se não é verdade, o que é que lhes pode importar, o que é que os aborrece. Mas isso sim, isso aborrece as pessoas, não percebo porquê, talvez os aborreça que não se lembrem, ou que não possam inventar tal memória, tal como eu, sim homem, tu aí, continua a escrever, depois envias-me o manuscrito e eu devolvo-to, que é para isso que sou editor, ou talvez o tipo me conheça e saiba quem sou e esteja a pensar em vir e dizer-me algo sobre os meus

livros, desde que dirijo esta editor todos gostam dos meus livros, porque todos querem que publique os seus, então agradam a todos, menos a mim, a mim já não me agradam, gostava mais deles no meu anonimato que agora. Deve ser assim em todo o mundo, mas e quê, mas de que mas falo, mas, não há mas.

O meu pai saiu depois da sala, estava muito cansado, beijou a minha mãe e saiu da sala, a sala era alternadamente verde e branca, dava medo, tubos de néon, a minha mãe estava muito cansada, eu ouvia os batidos do seu coração, e isso deixou-me muito feliz, pus-me sobre o seu mamilo e suguei um líquido espesso e o sabor agradava-me, mas a minha mãe queria dormir, pedia repouso e, depois de alguns minutos, talvez um quarto de hora, embora nesses momentos o tempo tenha outro significado daquilo que entendo hoje por tempo, depois desses tempos em que me começou a agradar ser o que era, tiraram-me do peito e meteram-me numa cama pequena, enquanto me aproximava perguntava-me como é que eu ia entrar ali, era demasiado feminina, é muito feminina, gritava, mas ninguém entendia a minha língua, muito feminina, não vendes, não vendes que é muito feminina, e chorava sobretudo porque, depois de estar no peito da minha mamã, depois de sentir o seu coração a dar sentido à minha vida, depois disso não queria estar só, mas mamã, não te apercebes, deveria estar perto de ti, já sei, já sei que estás cansada, mas podias fazer mais um esforço, penso que ela não percebia mas queria despedir-se de mim no seu corpo, esquecer os meses em que me carregou.

E lembro-me de tudo com palavras, lembro-me das palavras que chegavam até mim e ressoavam. Não sei porquê, nunca pude escrever isso, nem sequer hoje posso, como dizer que alguém se lembra das três primeiras horas da sua vida. Nem sequer me parece viável numa personagem fictícia. Não posso escrever isso, soa-me perverso, e nem sei porquê.

Talvez o que mais me assusta seja que nessas horas sentia uma atração sexual e que queria fazer amor, é isso o ridículo, mas sentia-me como se, depois de ter ejaculado, não me tornasse a parar, mas com quem teria já ejaculado, talvez se nasça depois de fazer amor com alguma entidade espiritual, por isso todos esquecem, mas eu lembro-me, sentia o meu sexo muito duro, embora não soubesse muito bem o que fazer com as minhas mãos, além disso rodearam-me de lençóis, talvez para que não me tocasse no corpo, embora fosse muito difícil, ou impossível, saber o que fazer com as minhas mãos, queria saber se o meu sexo realmente se punha duro ou se era minha imaginação.

Mas porque é que esse tipo me continua a observar com a sua cara sonhadora, está-me a enervar, já estou com vontade de ir lá e dar-lhe um soco, assim, como quando era criança e brigava com os da minha turma, e que importará a ti se foi isso que senti pela minha mãe, era um bebé com uma hora,

não podia saber que era algo proibido, todos pensamos coisas assim, sim, todos, tu também, então não me olhes com essa cara de inocente e depois olhes para o monitor desse computador, como se eu não soubesse que me estás a escrutinar. Eu também já fiz coisas assim, por isso sei o que estás a fazer, desvia o teu olhar para outro, ou parto-te a cabeça.

Estendes-me????!!!

5.

Quando eu tinha dois anos, a minha mãe morreu. Pelo menos é o que dizem. Dizem que morreu, mas eu digo que a mataram. Foi um homem que a matou. Lembro-me da cara desse homem e do seu nome. Não da cara desse homem, mas sim do seu nome. O meu pai não estava em casa. Tinha ido a Londres, e a minha mãe jantou com um homem. Chamava-se Hector. Lembro-me do seu nome. Os dois pediam-me com sorrisos hipócritas que fosse dormir, enquanto eles falavam do vinho irlandês que estavam a beber. Um Chateau de qualquer coisa. Um vinho irlandês. Nunca ouvi falar de vinhos irlandeses. Mas, pelos vistos, haverá algum, algures. Quando fui a Inverness bebi um vinho escocês, e eu pensava que na Escócia só faziam uísque. Sim, bebemo-lo, um vinho tinto muito claro sem muito sabor.

Eles falavam e eu ia para a cama e voltava. Sentia (será a intuição dos que não sabem que existe a intuição?) que ia acontecer algo grave à minha mãe. Algo terrível. E dizia-lho com a minha língua e com o meu idioma meio quebrado, mas ela não me entendia. Via perfeitamente que não me entendia. No fim, depois de muitas idas e voltas, quando os vi comer o gelado de que eu tanto gostava, adormeci. Mas não por muito tempo. A meio da noite fui acordado por um sonho que voltaria a sonhar milhares de vezes na minha vida e que, pelos vistos, sonhava-o pela primeira vez. Todas as lâmpadas da casa caíam dos tetos, e eu corria para tentar apanhá-las a todas antes que chegassem ao chão, e durante o sonho todo corro atrás de lâmpadas e sei que não poderei com todas, que alguma delas irá tocar no chão, e então será uma catástrofe e, mesmo antes de ver uma no chão, uma que já não chego a salvar, acordei. Acordei e fui ao quarto onde estava a minha mãe, nua, foi a única vez que a vi nua, e ao lado dela esse Hector, vestido, vendo um filme na TV, e fui até à minha mãe, que estava a dormir, mas não a dormir de verdade, mas sim despida, despida da sua vida, isso é o que irei saber depois.

Hector veio até mim e disse-me para ir para a cama. «Rapazinho, são horas de dormir», e ao ir-me embora dali ouvi a minha mãe dizer «E a criança», mas Héctor levava-me com as mãos nas minhas costas e voltei a adormecer.

O meu pai disse mil vezes que não havia ninguém em casa, mas eu disse-lhe outras mil e quinhentas que sim, que havia um homem. Mas ele explicava-me mil vezes que não e não podia ser, e notava-se desde o princípio que mentia, mas, de cada vez que o dizia e me explicava uma das suas explicações, mais se convencia de que não houve nenhum homem em casa quando a minha mamã morreu.

Hoje é o aniversário da minha mãe, hoje tenho trinta e três anos. O aniversário que ela não chegou a cumprir. Não chegou à minha idade. Sou mais velho que ela. O meu pai convidou-me a um restaurante esta tarde, e pedi-lhe um só presente. Disse-lhe «Hoje apenas te aceito um presente... Apenas um... A verdade.»

Hoje o meu pai oferecer-me-á a verdade.

6.

Uma manhã como todas as manhãs, mas a minha vida nunca mais será a mesma. Uma guerra, como todas as guerras, uma guerra longínqua, a milhares de quilómetros, que mudará a minha vida. Para sempre. Tal como muitos judeus, os meus pais temiam represálias por parte dos árabes à nossa volta. E então fomos de férias. Era junho, e de qualquer das formas as férias já estavam previstas, então antecipá-las um pouco não fazia muita diferença. A minha mãe acordou-me suavemente nessa manhã sem fim, nessa madrugada que nunca acabará. Assustei-me como nunca, a minha mãe gritava sempre e vivia sempre numa tensão impossível, como podia ela acordar-me hoje com um beijo e com palavras doces. Ia acontecer algo mau. Algo terrível. Eu sabia-o. Sabia-o, como quando veio esse dia e me deu um beijo e me disse depois que a avó tinha morrido. Contudo, não sabia o que significava a palavra morte. Mas sabia pela cara da minha mãe e pela sua calma, que era algo terrível.

«Quero o meu chocolate. Quero chocolate.»

Foi isto que disse ante o temor, como se soubesse que toda a minha vida ia mudar para sempre, e o único que me podia continuar a ligar à vida, o único que poderia dar uma continuidade no que já não terá continuidade, era esse copo de leite com chocolate que nunca pude realmente ingerir.

Meteram-nos no carro já cheio de malas, a mim e ao meu irmão. Eu via o amanhecer, tal como se vê um filme a meio da noite sem saber do que fala. O meu irmão mais velho dava-me a mão e dizia-me que nos iríamos divertir muito nestas férias. Mas a sua cara não me convencia.

O meu pai não falava, enquanto que a minha mãe não parava de dizer tolices, que o canalizador tinha de vir a consertar algo na casa nessa mesma manhã, que a de Wahnou se ia a casar na semana que vem, a mim dizia-me que me tinha

trazido todos os meus brinquedos, mas eu não pensava em brinquedos, achava que íamos ao enterro de alguém, da minha irmã que estudava em Paris, ou do avô, ou de algum tio que tinha morrido nessa noite e não mo queriam dizer. Mas, para quê tantas malas? Perguntei à minha mãe.

«Vão ser umas férias longas.»

E foram mesmo longas. São longas. Duram há já mais de trinta anos. Nunca mais voltei a ver a minha casa. Era essa a realidade. Nesse dia tornei-me um emigrante. Sem casa à qual voltar. A cada sete anos irá acontecer-me alguma coisa, ciclos de sete anos, sete anos primeira amante, sete anos depois primeiro amor, sexo, mais sete, primeiro casamento, sete depois, divórcio, a cada sete anos vou-me embora da minha casa, parte de mim vai-se embora da sua casa, parte de mim continua a ir-se sem parar, ir-se de algo para não voltar.

E o que eu quero é voltar à minha casa. E não continuar a ir-me a cada sete anos daquilo que não é a minha casa.

7.

Vou-me. Quero ir-me, estou já farto deste país. Tratam-me mal. Ou tratam-se assim entre eles, não me interessa. Ou sou muito sensível. Ou não os entendo. Embora fale a língua melhor que eles. Vou-me. Chegou o momento. Isto é o vazio. As promessas de ser parte de algo importante esfumaram-se. Não acredito em nenhuma promessa. Vou-me. Tenho pena pelos meus filhos. Mas já são adultos e é a sua vida. Sim, já sei, há anos que a única coisa que faço é ir-me, mas agora é de verdade, vou-me fisicamente, tenho o bilhete de avião e o que nunca começou vai-se acabar. O que desde o princípio foi um engano dos meus pais vai-se acabar, agora será talvez o meu engano, a minha errata inadvertida, mas será a minha vida e não a da minha mãe e do seu medo ou dos seus ideais. Será um mundo melhor ou pior, mas será o meu mundo.

No princípio tentei abrir-me a esta sociedade, tentei ser como eles, talvez o meu esforço não fosse suficiente. Não digo o contrário. Não estou a dizer que me soubera assimilar. Mas ao ver que não me aceitavam, tornei-me muito crítico com tudo, com as suas formas de falar, de comer, de se dirigir a mim, de ver os seus amigos, de ser amigos, de lutar com os seus inimigos, de tudo e mais alguma coisa. Não se podia falar comigo, não os deixava respirar, de seguida metia uma frase que destruía tudo o que diziam.

Esta atitude tornou-se num hábito, como se outro eu se apoderasse de mim para destruir tudo o que eles tinham construído. Construído contra mim, isso sim, e digo-o, contra o meu ser, a minha língua, a minha história, as coisas mais profundas que me definem.

Mas é isso que não percebo, como poderiam os meus pais vir para um país que lhes pede a destruição de si mesmos para ser. Quer dizer, os meus pais, mas apenas o meu pai era idealista, a minha mãe deixou-se convencer, deixou-se sem decidir, era a única solução que lhe restava. Quem pode opor-se ao idealismo de um homem de 45 anos?

Isto nunca foi a minha vida, foram uns parêntesis da minha existência. Nunca foi a minha vida. E sabia-o todos os dias. Vivi a vida de outros, de revolucionários, loucos jovens que fizeram algo e tiveram mais êxito do que esperavam. Vivi a vida do meu pai e das suas loucuras, do seu idealismo e do seu delírio.

Vi-o aqui, vi como o seu sonho se desfazia dia após dia, até que adoeceu de cancro.

«É o cancro dos meus erros.»

Disse-mo apenas uma vez. Nunca repetiu essa frase.

Ou talvez não a tenha dito e inventei-a eu, para me poder ir agora.

A minha mãe disse que tem que se continuar a viver e não olhar para trás. Mas o que restava ao meu pai era sonhar nesse passado, no qual ainda acreditava que o mundo podia ser melhor. Que noutro país, com outras leis, os homens podiam ser melhores. A ele, o que lhe restava era esse passado.

A mim resta-me muito pouco passado.

Passado pesado.

Resta-me muito pouco passado, e o que vejo neste futuro que estou a preparar é a possibilidade de me inventar um passado no qual sou um extraterrestre. Um passado com alguma convivência. Um passado em que me poderei levantar de manhã sem me questionar quem sou ou o que estou a fazer na cama. Uma cama diferente daquela em que me fui deitar ontem.

8.

Quando começou tudo isto? Já há muito tempo, mas pouco a pouco. Gostava de observar os sapatos da minha irmã mais velha e de brincar com eles. Nada de anormal. Calçava-os e descalçava-os. Tinha três ou quatro anos. Aos quinze, as coisas começaram a ficar sérias, quando roubei um par de sapatos vermelhos de uma amiga. Penso que não se apercebeu. Tinha uns trezentos pares. Observava-os no meu quarto durante horas, masturbava-me imaginando diferentes mulheres nesses mesmos sapatos. Depois até fui comprar um par de alpercatas novas, mas os sapatos novos não me inspiravam minimamente. Tinham que ser sapatos usados. Tinham que ter sido calçados por uma mulher pelo menos uma vez, para poder imaginar essa mulher ou muitas outras nesses mesmos sapatos. Via-as pelas ruas e imaginava-as nesses saltos pretos que tinha em casa. Não creio que

muitas percebessem porque olhava tão frequentemente para baixo, para o chão, pensavam que era tímido, embora não o fosse. Achavam-me estranho, e sim, eu era estranho. Embora talvez nem tanto, um dia aprendi que, na Idade Média, o pé da mulher era um dos membros mais eróticos da feminilidade. Um homem podia até desmaiar só por ver o pé de uma mulher. Como mudam as coisas...

Essa mania e sete ou oito pares roubados depois, começou não sei porquê, a converter-se numa obsessão por volta dos trinta anos, ia a lojas de sapatos usados de mulheres e comprava-os todos, de todos os tamanhos, por vezes em casa calçava-os eu mesmo, mas isso era estranho e não me provocavam a mesma intensa sensação erótica que me provocavam ao vê-los. Via um par azul e a seguir via neles uma mulher de filme, uma mulher perfeita neles, uma mulher real neles. Mas, tirando essa parte, sempre tive uma vida normal. Olhe você, senhor, uma vida normal. Completamente normal. Sou engenheiro de informática. Trabalho na Complutense. Embora, obviamente, seja um pouco difícil trazer uma mulher a casa com tantos sapatos espalhados. Por isso, aluguei outra casa para onde levo os meus amigos e amigas. Boas amigas. De quase todas as mulheres que trabalham comigo, tenho um par de sapatos. Há de tudo, sandálias, botas, sapatilhas, socos, chinelas, sandálias de couro, cáligas, alpercatas, escarpins, saltos altos e baixos, de tudo um pouco. De cada vez que vou a casa de uma mulher saio com um par de sapatos, vou sempre com um saco, se alguma deixa um par no trabalho, levo-o. Não consigo não o fazer. Não me importaria de pagar por eles, mas consegue imaginar um engenheiro a perguntar a uma secretária quanto quer pelos seus sapatos? E quantos posso comprar na mesma loja de sapatos usados, é que existem muitas poucas que vendem sapatos usados e eu preciso deles usados.

Não sei o que pensam fazer, tampouco penso ter feito algo tão grave, você já sabe, as mulheres compram sapatos como nós comemos uma bifana, compramos, usam-nos uma vez e descartam-nos. E eu percebo isso, os sapatos são uma beleza, uma mulher deve querer comprar metade dos sapatos que existem no mundo, são como uma carícia para os seus pés. Têm mais utilidade os sapatos que outra coisa qualquer. Os sapatos fazem a mulher.

Falem pois com a tal rapariga que se queixou, ou falo-lhe eu mesmo, posso-lhe pagar pelos seus sapatos, não me falta dinheiro. Não vos soa melhor? Não vos parece um pouco ridículo ser levado a um juiz por ter roubado sapatos usados que não têm quase nenhum valor? Sim, já sei, 436 pares de sapatos são muitos sapatos, mas tenho até os primeiros, faz já 15 anos, é como o que coleciona selos, é uma obsessão. Começa-se por um par e depois outro e, sem se dar conta, são já 436 pares de sapatos. Pronto, está bem, irei a um psicólogo, embora não pense que esteja assim tão louco. O talvez esteja.

9.

Que significa ser sefardita hoje em dia? Porque me magoa a história? Porquê a mim e não aos outros? Leio Sefarad de Antonio Muñoz Molina e procuro-me nas páginas, estou e não estou, sou um fantasma. Salama de Tánger, e há pegadas do meu passado pela Espanha, mas são pegadas de outros. O livro não é sobre o meu Sefarad, é uma metáfora, mas eu não sou uma metáfora, eu sou um ser vivo, vivo e dói-me a história. E embora a Muñoz Molina lhe pareça um exagero, dói-me depois de quinhentos anos, dói-me pensar nos sefarditas que chegaram a Fez no final do século XVI, depois de se terem convertido ao cristianismo, depois de se escaparem de Espanha e depois de chegarem a Portugal e viverem como marranos, depois de tudo isso, chegarem a Fez, e em 1605 verem-se obrigados a converter-se ao Islão. A metade dos judeus de Fez convertidos ao Islão. Em menos de quatro gerações, de judeus a cristãos, marranos, e a muçulmanos. Choro eu os meus judeus de tanto sofrer. Choro os meus malogrados judeus, perdidos nos poços dos tempos. Choro-os quando estou em Sevilha e vejo essas caras de judeus, são os meus judeus, o meu povo perdido, o meu povo reduzido a cinzas, em escombros, choro o meu povo que já não existe.

O pior de tudo é ver como no século XIX, quando começávamos a ultrapassar essa etapa de decadência, entraram todos os nacionalismos a destruir-nos, pior que o Islão e pior que o cristianismo, os nacionalismo vieram a destruir a nossa língua, a converte-nos ao francês, ao turco e ao grego, e o pior foi que o sionismo que nos converteu ao sionismo, que chegou a destruir o pouco que ainda restava. Marcel Cohen no seu livro Carta a Antonio Saura, escreve em ladino que, quando vieram os sionistas a convencer os judeus de Tessalónica a emigrar para Israel, se deram muito rapidamente por vencidos, porque se aperceberam de que o que estes judeus queriam era voltar para Sefarad. Não, não era para Espanha, embora geograficamente fosse essa mesma península. Não, mas não é essa a nossa geografia, embora seja muito parecida. Em 1942 foram criadas duas Espanhas, uma sem judeus e outra sem território. Os judeus levaram com eles um mapa de Espanha que apenas existia nos seus corações. Um mapa de romances, de reis e donzelas, de cidades desaparecidas.

«Se a Espanha se distinguiu em alguma coisa, não foi em expulsar os judeus, mas sim em expulsá-los tão tarde...», prossegue Muñoz Molina, tentando em parte justificar algum pecado que não cometeu, ou tentando explicar a história, quando a história não tem nenhuma explicação. Os judeus não foram para França com eles, nem para a Inglaterra, depois de terem sido expulsos destes países. Em todos os países não foram mais que minorias pouco toleradas, mas a

Espanha foi o país dos judeus, como a Babilónia. Não apenas mais uma estação no percurso do comboio da diáspora: Sefarad foi um país no qual se projetava um futuro, no qual o judeu se sentia em casa. O judeu sefardita incomoda o pensamento espanhol de hoje, mas não pela sua expulsão, mas sim porque ainda está lá nos becos e esquinas de milhares de bairros judeus, está a andar por Sevilha e por Guadalajara, os seus passos continuam a fazer ruído durante as noites, e é um fantasma mais presente na vida quotidiana, aguardando um momento de liberdade para começar a sair.

Uma amiga contou-me que, ao chegar à igreja pela primeira vez para ser batizada, a sua mãe lhe disse «Estamos cercados», a família fá-lo porque a escola lho pede, mas nunca mais vão à igreja. Pedro Paixão viaja para a Alemanha para estudar filosofia e todos os judeus o tratam como a um judeu, perguntam-lhe se sabe onde é a sinagoga e se pensa ir nesta sexta-feira. Ao regressar a Lisboa, pergunta à sua mãe se é judia, a sua mãe não lhe dá nenhuma resposta. Fernando Román conta-me que na sua família todos sabem que são descendentes de marranos, mas sabe-se sem se dizer, quando ele acorda um dia e o diz a toda a família, que o tenta calar. E como estes, milhares de casos.

Até onde chega a História? Até onde dói a História?

Quando ando pelas ruas sinto o peso todo da minha história, sinto que ando para outros, para o meus avô, para os meus bisavós, para os judeus que se tornaram cristãos, sinto que carrego o peso de todos eles nestas ruas, é um peso libertador, é um peso que dá sentido aos meus passos, é um peso que dá significado à minha vida, mas é um peso.

10.

As crianças iam-se. Aonde iam as crianças?

Iam-se.

E parecia-nos normal que a cada ano fôssemos menos

na turma. As crianças iam aos cinco ou seis anos, e tudo parecia normal. É normal que, de repente, a criança que estava sentada ao teu lado durante meses nunca mais voltasse. E é normal que, depois das férias de verão, a turma ficasse limitada.

Mas, em 1967 veio a guerra, era uma guerra longínqua, os bombardeamentos ouviam-se através dos olhares, era uma guerra longínqua que iria mudar a vida de muitos, de muitos alunos e de muitas turmas. Foi então que a Raquel Vendan se foi. Ela sentava-se sempre no fundo da sala, e eu na primeira ou segunda fila. Sempre quis pedir à professora que nos sentasse juntos, mas depressa se foi. Percebi então que não era tão normal e que ela não voltaria e que eu não poderia pedir à professora que nos sentasse juntos.

Para onde iriam as crianças?

E porque, ao perguntarmos, nos diziam shhhhh?

Porque era tudo tão secreto?

E Raquel Vendan desapareceria, para voltar décadas depois, através das palavras, através de um livro. Nessas palavras estava a minha surpresa perante o seu desaparecimento, perante o mistério das crianças que se iam e não voltavam.

Eu tinha sete anos, ela também.

A Raquel desapareceu para voltar através de um livro, para me dar a ler os seus manuscritos, para se sentar ao meu lado e dizer tolices sobre a professora, para me dar a mão e para que eu lhe desse a segurança de que era escritora. Abriam-se-nos as portas que davam para a luz. Portas de luz. Oportunidades que jogam a misturar futuro e passado, o essencial com a casualidade.

Mas ninguém sabe o que fazer com essas portas de sol. São como as crianças que desapareciam das aulas. É como se os livros se pudessem falar. Mas como se aproxima um livro de outro livro?

E como não se aproximar, se dialogam entre eles?

Para onde foram as crianças?

Quem ficou quando eu, com cinco anos, me fui depois da Raquel?

A minha ausência ficou na turma. A ausência da Raquel através da minha vida, foi o que ficou de todas as crianças.

11.

É a primeira vez que vou a esse bar de Parna. Apenas tenho que apanhar uma linha do metro. São as seis da tarde. Michel pediu-me que não o fizesse muito tarde. É agosto. Os dias são longos. Não me interessa. Ou talvez me interesse. Observo como o meu eu se separa do meu corpo, como quando esse homem me violou. Esse homem que nunca terá nome. Aproveito a minha solidão, o meu desespero. Porque não saí do carro num semáforo? Mil vezes a mesma pergunta. Porque o deixei que me levasse até aos arredores da cidade? Mil vezes outra pergunta. Porque é que depois de sair do carro não fui a correr para uma casa, para o campo, sei lá eu, onde fora.

Hoje vou a ganhar dinheiro com o meu corpo. É a primeira vez que o faço. Preciso desse dinheiro para sair da minha casa. Michel disse que conhece a dona desse bar onde vão os homens à procura de mulheres de dez minutos. De qualquer das formas faço-o com outros, que diferença há entre as coisas.

Sinto o meu corpo mais do que nunca, mas sinto-o alheio a mim. A qual mim o sinto alheio. Michel disse que ele irá ver quem se senta ao meu lado e me fará um sinal para que saiba que é alguém que lhe parece normal. Eu tenho vinte anos, Michel quarenta. Há meses que nos conhecemos e fazemos amor, é pintor

e fotógrafo, adora-me, mas é tudo carnal, amores da grande cidade. Disse-lhe que precisava de dinheiro, muito dinheiro, para não depender dos meus pais. Contei-lhe que tinha pensado em posar para uma revista pornográfica, e ele disse que era melhor fazer isto. Disse que as fotos me podiam perseguir durante muitos anos. Que se algum dia me caso, poderiam chantagear-me com as fotos. Não discuti muito, a verdade é que não me importa de vender o meu corpo se for o necessário para ser independente, se comparar com o que já faço de qualquer das formas. Numa tarde, poderei ganhar mais do que ganho num mês, e depois poderei continuar os meus estudos de arquitetura sem ter que pedir nada aos meus pais. Eles não me irão questionar, nunca prestam atenção a nada.

Hoje é o dia, e depois desse dia já serei outra, terei perdido a inocência.

Não me recordo que cara tinha, nem como cheguei com ele à cama do primeiro piso de um imóvel qualquer. Não me lembro disso. Mas não posso esquecer a sensação da hora antes e ir para o metro, a sensação de que, nesse mesmo momento, antes de me deixar penetrar, nesse momento já tinha perdido o que me restava de inocência neste mundo.

Nesse dia deixei de ser eu para ser mulher.

12.

SEGUIR

García Márquez disse o que já lhe tinham dito muitos outros, que a vida não é o vivido, mas sim o recordado. A vida existe na memória. Mas, mas, mas, é essa a verdade? Ou não é mais do que um ditado poético? Continua a ser a verdade? Talvez fosse isso a vida há um século ou dois atrás, quando um homem viajava durante meses e via o que via, e isso entrava na sua memória. Mas o que é que entra na nossa memória hoje em dia? Basta encontrar-se com um locutor de televisão na rua, para se aperceber de que alguma coisa já não anda muito bem. Vais, sem pensar muito, cumprimentar essa pessoa que esteve milhares de vezes na tua sala, aproxima-te até dois passos e dás-te conta de que não a conheces. Mas, na tua memória, é uma pessoa que vive. Perguntam-te se conheces esta ou aquela cidade, e não sabes se deves dizer sim ou não, se estiveste nessa cidade ou a viste na televisão. Atacam-nos diariamente milhares de caras na televisão e na rede, nos jornais, milhares de caras que se nos inculcam na memória, e depois está tudo o que os outros nos contam, o que nos contam e, à medida que vamos voltando a contar-nos e a recontar-nos esse feitos, começam a converter-se na nossa memória. É também isso a nossa vida?

E os filmes, os vídeos, que acontece então quando vemos o vídeo de um casamento, talvez o nosso próprio casamento, e é completamente diferente daquilo de que nos lembramos. O copo entornado em cima do fato que nos

parecia tão belo e que de repente se torna numa porcaria, e esse momento já apagado e esquecido volta a ter a sua realidade.

Não, não, a vida é o contrário, a vida é o que nos entra na nossa memória, o que não nos lembramos, o que não pode entrar em palavras ou imagens que a nossa mente arquiva. É isso a vida, a cara maravilhosa que não recordamos da rapariguinha de cinco anos na escola à qual prometemos um amor eterno. Quem era essa menina? Nem o homem que nos vem à memória, apenas uma vaga e confusa sensação de plenitude e de amor, de sinceridade e de eternidade, de um momento que não existiu mas não pôde não existir. Algo maravilhoso que enche neurónios e vive por si só.

Por isso mesmo é que deixei de tentar compor uma vida das minhas memórias, e deixo livremente as memórias dos outros correr pela minha mente, deixo-as ser parte de mim, porque são e não são a minha vida, porque a vida é o momento em que recordas uma memória e, por isso, posso ter vivido em Paris durante anos, na minha memória, posso ter sido uma mulher há vinte anos, posso até acreditar nisso e estar convencido de mil coisas que não são lógicas e que são contraditórias, e todas essas coisas podem ser a minha vida. O poeta não tem biografia própria, a não ser os próprios versos. Tem milhares de biografias, todos temos milhares de biografias e somos muitas pessoas de cada vez, e todos os pensamentos e memórias daquilo que não fomos e o que não fizemos não têm menos valor que o pouco que fizemos na realidade (afinal, que será isso da realidade?) ou no material.

É essa a minha vida, a menina de cinco anos cujo rosto me escapa, as palavras que lhe disse das quais não me lembro. Essa menina que volto a encontrar hoje num sonho que se esqueceu de ser sonho e se converteu em realidade, fazendo da realidade sonho.

13.

Estava sentado no café Tulsa, na rua dos atentados, às onze da manhã, a beber um café com leite e a fumar uma cigarrilha de «A Glória Cubana», quando a vi à entrada da sala ampla que parecia um vestíbulo. Tinha os olhos azuis e o cabelo preto, calças e uma blusa azul. Pareceu-me muito familiar. Tem a cara dos da minha cidade. Talvez a cara dos da minha família. E a pele muito branca.

Estava sentada com uma amiga que me virava as costas, separavam-nos quatro mesas. A empregada perguntou-me se queria mais alguma coisa. Sim, sim, têm água mineral de Apollinaris? Sim, isso, uma garrafa grande.

Logo me viu. E vi como o seu rosto recuava. Ficou a observar-me durante uns segundos, talvez meio minuto, que me deram medo. Deixou de falar. Parecia já não ouvir a sua amiga. Olhou-me tão fixamente, que tive que baixar o olhar.

Tirei o telemóvel do bolso e pus-me a ver os números, a jogar, a fazer alguma coisa. Voltei a olhá-la e lá estava ela, da mesma forma.

Pensei que talvez tivesse aquilo a que os franceses chamam coup de foudre, que se tinha apaixonado por mim à primeira vista, mas isso soava-me exagerado. Talvez a lembrasse de um antigo amante. Talvez um irmão morto. Um primo com o qual fez amor pela primeira vez e nunca mais o viu desde então. Podia sentar-me e escrever um poema. E foi isso que tentei fazer. Tirei o meu caderno e a caneta e escrevi um primeiro verso: «Vejo como os teus olhos se fundem nos meus olhos»

E disse-lhe então alguma coisa à sua amiga. Ao longe, parecia que falavam numa língua estrangeira, talvez francês, ou alemão, línguas que pedem diferente uso dos músculos faciais. Disse-lhe algo, e a amiga virou-se para me olhar, e ela disse-lhe para não olhar. Que eu também estava a olhar.

Chegou a água mineral e eu pensei em ir-me embora, mas tinha que passar por ela antes de sair. Meti o caderno no bolso. E pensei que seria melhor esperar que elas se fossem sem as olhar. Isto começa a amedrontar-me. Mas, depois de alguns segundos, apercebi-me que tinha outra vez o meu olhar fixado nela. A quem me lembrará esta mulher?

Passaram assim muitos minutos, talvez um quarto de hora. Ela disse à amiga que se fosse embora. Era óbvio que era isso que dizia. A amiga foi-se, embora eu pense que discutia com ela e que queria ficar.

Logo se levantou e, com um andar quase militar, veio até mim.

- Vou-te matar - disse.

- Tu é que vais rápido, geralmente as mulheres querem-me matar à terceira vez que me veem.

- Cabrão, vou-te matar. Vou-te matar.

Agora, até a sua voz me recordava algo interior, algo que vinha de qualquer parte do meu ser.

- Mas se não te conheço - disse-lhe - se quiseres podes sentar-te.

- Como não me conheces. Tu e as tuas mentiras.

- Não, não te conheço.

- Não. claro que não, claro que me conheces, deixa de mentir. De qualquer forma vou-te matar... Mas quero-te fazer uma pergunta, Carlos.

- Senhora, olhe, acho-a muito bonita, mas não me chamo Carlos, chamo-me Mois. Ou Moisés. Não Carlos.

- Deixa-te de mentiras, que já as conheço todas. Disseste o mesmo a uma rapariga que veio a falar contigo quando vivíamos juntos e eu, eu, tão idiota, pensei que ela se tinha realmente enganado, lembro-me de tudo, vês?

- Olhe, como se chama? Olhe, não sei mesmo que é nem do que me está a falar.

- A pergunta é esta, em todos estes dez anos que desapareceste, não tiveste nunca vontade de ver o rosto da tua filha?

Isto já era demais, já via na sua cara encarnada, no seu furor que ia aumentando, enquanto eu tentava baixar a tensão, que as coisas se estavam a complicar.

- Pois, já vi que não, não respondes, dez anos, e tenho aqui no bolso, dez anos de espera.

E sacou rapidamente do bolso uma pistola e sem pensar muito ou sem que eu tivesse tempo para pensar, disparou sobre mim. Nesse momento vi-a de repente, e lembrava-me a mim, a mim próprio, quando tinha dezasseis ou dezassete anos e tinha o cabelo comprido, quando usava calças largas e socos e não tinha barba nem era calvo, e por vezes, quando ia à casa de banho, uma mulher qualquer dizia-me «A mulheres são em frente», mas a bala já tinha chegado ao meu estômago, enquanto tentava dizer-lhe se tu és eu, sou eu, estás a disparar contra ti própria, e já antes de que as pessoas viessem a agarrar a pistola desta bela mulher que se tornava a cada minuto mais bela e não podia, nem moribundo, desviar o meu olhar dela, atingiu-me com um tiro no coração e com outro na cabeça. E matou-me.

TERCEIRA PARTE

A carta

14.

Como se continua um livro depois de escrever matou-me na primeira pessoa?

Começa-se outro capítulo.

Ou chega uma carta.

Chegou uma carta estranha e impertinente. Talvez sejam essas cartas que me dão medo de ser famoso.

Lê-se um livro.

Dois livros, três livros e mais livros.

Leio Sabato. Sobre heróis e tumbas. Abaddon, o Exterminador.

Tenciono voltar a ler O Túnel.

No seu tempo, impressionou-me, mas nesses tempos, já há mais de vinte anos ou, como diriam os meus compatriotas, nos tempos de zeman, nesses tempos aborreciam-me os livros com mais de 200 páginas.

O Túnel, o único livro que, segundo Sabato, quis publicar. Os outros livros publicaram-se sob pressão de outros. Sabato, talvez como Kafka, os tivesse destruído.

Porque o que Sabato tenta é escrever o livro completo. E o livro total não pode ser mais que um fracasso total. Uma novela de centenas de páginas não pode ser perfeita. Pode-se escrever um poema de 14 versos e aproximar-se da perfeição, mas novelas com mais de duzentas páginas são um pouco como a vida, poder-se-ia descartar delas vinte, trinta, quarenta por cento do escrito, sem que sofressem. Nem por isso são piores, ou são más, apercebo-me que as novelas são assim, e têm que ser assim.

Se Richard Brautigan decide aproximar-se da novela através do conto e deixá-la numas cem páginas, é porque se apercebe de que não se pode escrever mais sem cair. Limita-se a um minimalismo que lhe evita o perigo.

Em Sobre Heróis e Tumbas, Sabato leva a ficção ao seu máximo, para descobrir que a personagem principal, a cativante Alejandra, já nunca poderá nem viver nem morrer. Nem desenvolver-se, nem ficar como personagem secundária. É o centro da novela, mas nunca ninguém, nem o escritor, nem o Martín, nem o Bruno, nem o narrador, saberão quem é, nem porque é o centro. Um ponto no centro de um círculo.

É em Abaddon onde Sabato verifica o pacote completo, aqui já vai de cabeça até ao máximo, a perder-se, o que começa com o relatório sobre cegos torna-se numa loucura e uma faixa nos olhos para se poder dar melhor golpes contra todos os trastes que se encontrem pelo caminho.

Abaddon, em hebreu, é uma palavra complexa e pouco utilizada. Abaddon significa perder-se, mas também significa perder alguém, e a perda completa de tudo e, se formos mais longe, encontramos nas letras de Abaddon, pai (ab), pedra (eben) e filho (ben). Abaddon é o inferno.

Neste último livro, por definição, porque nenhum escritor pode escrever um livro depois de Abaddon, que se converte no exterminador, Sabato mete todos os temas possíveis. Vai desde a política até à personagem fictícia. Da revolução aos demónios do escritor, a base da arte. Não há nenhuma linha que possa dar-nos um segmento para seguir um enredo. É um ataque de loucura intenso. É o escritor que sabe que estas páginas são as mais puras que ele pode escrever e que, ao mesmo tempo, ou por ser puras, estão destinadas ao fracasso. E à incompreensão, a pior de todas a da fama. A dos leitores que tanto te adoram, que não te sabem deixar voar.

Numa insensata página de loucura, dá dicas de como escrever uma novela inovadora, mudar a palavra-mãe por outra palavra, referindo-se a essas novidades à Georges Perec, que tantos livros maus criaram na sua época. Mas, ataca tanto o escritor que quer escrever como de ser, como o inovador que o faz para sair do comum. Mas principalmente, Sabato define dois tipos de escritores, os que escrevem porque podem, e os que escrevem porque não podem não escrever.

Os que escrevem porque podem, fazem-no porque têm tempo, porque têm dinheiro, porque são cultos, porque amam a literatura, porque querem ser famosos, porque é um emprego de qualidade, e por outras milhares de razões conhecidas e por conhecer.

Os outros, a minoria, os Sabatos, escrevem porque não podem não escrever algo, porque, caso contrário, enlouqueceriam. E não é a ideia romântica da inspiração, a inspiração podem-na ter todos os escritores. É bem mais uma forma de loucura e terapia alternada, uma forma de respirar o mundo.

Entre estes dois tipos de escritores, existe um abismo, um Abaddon incompatível. Chama-se escritores aos dois, mas é por falta de precisão, ou por preguiça, ou porque que o que mais querem aqueles que o fazem, é ser como os outros. E foram-no por vezes, numa juventude longínqua, num conto ou num poema, ou durante um ano, mas isso já é apenas uma memória.

Por isso, Abaddon, ou toda a novela verdadeiramente inspirada, está sempre destinada ao fracasso. E Sabato sabe-o. Mas prefere fracassar tentando chegar

aos Himalaias e não escrever outros dez novelas como Heróis e ganhar o prémio Planeta e outros. Prefere chegar em minutos ao Evereste e deixar uma bandeira, para logo ter que descer rapidamente por falta de oxigénio, a escrever novelas de 200 metros de altura. Ou não, não é o que prefere, é que os seus demónios, os seus demónios de escritor obrigam-no, como o obrigaram a deixar o seu laboratório de termodinâmica, a escrever os Abadões que estão nele e que, apenas chegando à página, o podem deixar viver.

E então a carta.

15.

Há semanas que deixei este texto. O texto parou-me, mas também a necessidade de ganhar dinheiro e de traduzir. Muitas ideias se foram perdendo nesses dias. Ideias, textos, palavras, sonhos de palavras, que se foram indo por si mesmas. E que talvez voltem.

Mas há uma que não me interessa. É a de que todos os textos são autobiográficos. Todas as personagens são o autor. Nada de original nisso. Sei-o. Mas não me refiro a que todo o texto esteja baseado na vida do escritor. Mas sim o contrário. Está baseado na não-vida do escritor. A mulher que aparece no texto de um escritor masculino é a mulher que não foi desse escritor, e vice-versa, o homossexual será aquele que não foi, o rico é o rico que o escritor imagina poder ter sido, se for pobre. O escritor define-se por aquilo que não pode ser. O que não pode ser é infinito. Não se pode não-ser outro qualquer. Pode não ser apenas personagens ou pessoas que alcance imaginar. Eu não posso ser um pintor do século XII, mas posso não ser uma mulher do século XIX.

O Talmud resolve a questão do livre-arbítrio com uma contradição mil vezes discutida e explicada pela frase «hakol tsafuy vehareshut netuná», «tudo está predito e a decisão está nas tuas mãos». Por aquilo que eu percebo, todas as possibilidades que o homem pode decidir já estão previstas e limitadas, ou seja, o homem pode, em cada momento, tomar um número limitado de decisões, e nem todas as decisões em todas essas decisões são parte do mundo e do seu futuro. Decidimos, sim, mas não podemos tomar qualquer decisão. Somos livres, mas dentro de certos limites.

Li nos últimos tempos dois livros autobiográficos de dois escritores sul-americanos do chamado boom. A de Sabato "Antes do Fim", e "Viver para Contar" de Gabriel García Márquez. Penso que é só um começo de muitas histórias e memórias desta geração, que vão a surgir nos próximos anos.

Carlos Fuentes diz, na sua entrevista em Paris Review, que um género autobiográfico de escritores sul-americanos se impõe. Embora ninguém possa

imaginar duas autobiografias mais diferentes que a de Sabato e a de García Márquez.

Por um lado, Sabato fá-lo, novamente, como uma obrigação ou como uma forma de responder e corresponder aos seus leitores. O livro é mínimo e, embora alongado, dificilmente chega às duzentas páginas. García Márquez conta quase 600, e apenas nos conta a primeira parte da sua vida, e promete-nos outros dois tomos. Mais mil páginas.

Sabato desvaloriza a possibilidade de dar sentido à sua obra através da sua vida. E, portanto, apenas nos conta anedotas da sua vida. García Márquez escreve as suas passagens menos convincentes quando tenta explicar como algo que se passou na sua vida se converteu em ficção. E o que faz assim, é justificar a novela "Antes do Fim" de Sabato.

"Viver para Contar" converte-se muito rapidamente em contar para contar, porque García Márquez é um obcecado pelo conto, não como Sabato, por entender a vida. Tem de se contar, contar tudo o que se passa e se pode passar, dar sentido à vida e à literatura através do conto.

Enquanto leitor, esperava que, ao ler o livro de Márquez, este o tivesse condensado um pouco, ou melhor, muito, e dissera-me o que disse em 300 páginas e, enquanto lia Sabato, esperava que este me dissesse algo mais, mais, para explicar... o quê? Bem, nada, embora fosse para não explicar nada nem para entender nada, simplesmente para ler mais umas páginas talvez para saber que foi Alejandra.

16.

E então?

A carta.

E então a carta.

Não é que seja um escritor muito famoso, ou famoso o suficiente para receber cartas com manuscritos. Mas isso ocorre-me de vez em quando. Cartas com gosto muito dos teus livros e envio-te os meus poemas. Deixam-me feliz. Surpreendem-me. Então, enquanto eu vivia no meu mundo de écrivain maudit e, pensando na minha falta de leitores, havia alguém, algures, que me estava a ler?

Mas não, não era uma dessas cartas. Era de outra categoria. Era a que faltava. Uma carta anónima, sem remetente, e estranha.

Estimado escritor, começava assim, nem sequer o meu nome ao lado de escritor. Um escritor, um entre muitos, qualquer escritor.

Tenho algo para contar, sim, e quem não tem. Algo surpreendente, algo que ninguém contou. É algo sobre o Holocausto. Já tenho oitenta anos e penso que a

minha história deveria ser contada. Mas não posso publicar isto com o meu nome, pois iria prejudicar a minha família e os meus netos e bisnetos.

Por isso, decidi enviar o manuscrito a um escritor.

E continuava, a carta...

Não me impunha nenhuma obrigação. Apenas a possibilidade de publicar a sua história, se eu quisesse e como quisesse. Podia converter-se na personagem de um livro, ou podia ser publicada por si só, como o relato de um naufrágio. Os direitos seriam todos do escritor que elegeisse o homem da carta.

Se estivesse de acordo, aquilo que tinha de fazer era estar às onze da manhã, na primeira quarta-feira do mês que vem, numa cafeteria.

Era apenas isso, a carta acabou.

A carta que te faz sair do livro.

Aquilo que faltava.

E a cafeteria era a cafeteria onde sempre estou e onde escrevo. Então, saberia este homem que eu me sento ali todas as manhãs, ou seria pura coincidência?

Deveria não ir nesse mesmo dia, ou ir e ver de que iria tratar a segunda carta?

Era óbvio que a carta tinha sido enviada a mais de um escritor. Talvez a três, a sete, a quinze. Mas porquê a mim? Há muitos mais conhecidos do que eu. Demasiados.

Posso continuar a pensar nisto, faltam duas semanas para essa data.

Pensei em Bob Dylan, que nunca lê nenhuma carta, para que ninguém possa dizer que uma canção sua é plágio.

Talvez seja uma trampa.

De um jornalista.

Era só isso que faltava, eu publicar alguma coisa sobre o Holocausto. Já me chamaram várias vezes anti sionista, além de milhares de outras coisas. Aqui, as pessoas pensam que um escritor sefardita não deve escrever sobre o Holocausto.

Então porque é que me escolheu a mim?

Deveria falar com um advogado. Mas não tenho dinheiro para isso. Penso que a lei está do meu lado, e que se é proprietário que qualquer carta que se recebe. E que um escritor pode fazer o que bem entender com as histórias que os outros lhe contam.

Bem ... é isso que é a carta.

17.

Irei ou não irei ao sítio onde estou sempre? Irei ao encontro ou não? Podia ir, nesse mesmo dia ou semana, a outra cafeteria. Podia ficar em casa. Terá enviado essa carta a outros escritores, ou apenas a mim?

Vem aqui um escritor que nunca vi para estes lados. Levsha Rabinovitch, um dos que me cai mal, e todos me caem bastante mal. Olha-me, apercebe-se que me reconhece (estivemos num mesmo programa de televisão), dirige-se até mim e depressa dá a volta, dirigindo-se para a mesa mais afastada da minha. Essa falta de educação já não é novidade para mim, pois uma vez o escritor viu-me e eu disse-lhe olá porque estava com um dos seus melhores amigos e, ao reconhecer-me, disse-me «A ti não te conheço». Não querem falar comigo, sou um leproso, falo-lhes de coisas que não querem ouvir, da sua própria discriminação, da sua forma de ver o mundo, dividido em branco e preto. Desde o asquenazim que pensam que apenas eles é que podem escrever livros ou ter cultura, e que os sefarditas não podem pertencer a esse mundo cultural.

Talvez isso seja melhor para um artista, viver à margem. Talvez por isso, tenha decidido tomar partido dos leprosos e dos invisíveis. Um escritor deveria ser invisível, a fama é o que mais o preocupa. Por isso, quando apareço na televisão ou me entrevistam, faço tudo para ser impossível de querer. Que não me leiam porque sou famoso, que me leiam porque os meus livros são bons. Como animal social que sou, é uma situação insuportável, porque um animal social quer que a sociedade o reconheça, que ser parte integrante, quer ser alguém reconhecido. Pelos vistos, sou mais escritor do que animal social.

Mas então, o que faz Rabinovitch a estas horas na minha cafeteria. Te-lo-á o Sem Nome convidado para vir hoje? Porque já é esse o nome que lhe dei. O Sem Nome, o que significa que já tem nome. Já o nomeei.

Cai-lhe uma memória, vejo-a. Meia memória. Então é dali que vem a sua antipatia, dessas crianças que lhe bateram quando tinha sete anos, é por isso que é tão atlético e musculado.

Não me resolve nada. Que faz então aqui? Talvez já esteja a imaginar coisas, e o Sem Nome me tenha enviado esta carta apenas a mim. Parece-me mais lógico. Não me parece tão lógico que a envie a um escritor tão conhecido, porque nem sequer a iria ler. Estamos num café central e não há nenhum motivo para que os outros escritores não venham aqui.

18.

Bem, começo a sentir o que é a vida. Não apenas a intelectualizá-la, é como uma luz.

Há algures um ser que tem uma consciência, e que projeta essa mesma consciência neste mundo. Esse mesmo ser astral que poderia ser a consciência de outro ser. A projeção é a vida que vivemos. Quando esse ser deixa, ou se cansa, ou sabe que chegou ao fim, deixa de viver essa parte da consciência, e isso é a morte.

Dois perigos:

Um é viver a consciência daquele que nos projeta e negar esta vida. É o que fazem os monges tibetanos ou alguns místicos.

O segundo é o outro extremo, esquecer ou negar essa consciência e acreditar que só existe essa vida. Pode-se até acreditar em Deus e continuar este caminho.

Há que viver no meio disso. Tem que se viver nesta vida, mas nunca se deve esquecer que somos seres numa consciência, e que vivemos nela.

O amor é o encontro de duas consciências que já se conhecem e se procuram. Por isso, encontrei-te a ti, nas palavras de outro livro, por isso esse livro me chegou a mim através de caminhos subterrâneos, os caminhos que nos criaram. Que até podem ser uma só e mesma consciência.

Hoje é algo que sinto.

Sinto-o, não o penso.

19.

Se Sabato tenta a história total, Brautigan tenta a história sem clichês. Para Brautigan, apenas o anedótico tem sentido. Nada de contar como uma personagem se levanta, nem no que pensa, se não é algo inédito e que apenas esta personagem pode pensar. E o que fica no fim são novelas de 100 páginas ou menos, histórias curtas, mas não aquilo que se denomina uma novela curta, nem um conto alargado. Não é a novela inglesa, é a big american novel. A grande novela, contada em 100 páginas, e o leitor tem de imaginar as quinhentas que não estão.

Todos estes escritores e outros muitos que li e outros tantos que não li, estão a tentar inventar a perspetiva, a terceira dimensão da novela. Um acordo entre o leitor e o escritor, onde embora o primeiro veja apenas duas dimensões, existe outra oculta, outra que se deve a muitos livros já escritos, assim como os filmes já vistos.

Edmond Jabès passa, repassa e passa já do género novelístico para se aproximar do livro. O livro de páginas e letras como género e como meta. Implica ao leitor, torna-o cúmplice e criador da obra. Uma obra que é uma longa história de amor entre Yukel e Sara, mas que não é menos que um livro de filosofia, de poesia, de reflexões, um livro que vive no metro e sai das páginas. Uma reflexão sobre o livro. Todo o livro é uma reflexão sobre o livro.

O livro começa então quando o leitor o abre. Começa antes, quando o futuro leitor ouve falar de um livro de um amigo, ou quando lê um artigo, ou se já leu outro livro do escritor, começa a espera de outro livro do mesmo autor. Ou pode começar com a leitura accidental de qualquer página numa livraria ou numa biblioteca. E cada um destes começos vai criar um leitor diferente e um livro

diferente. Não fazia falta escrever Rayuela e saltar capítulos para que isto sucedesse, muitos são os leitores que começam por ler a página 106 ou o final do livro, folheando páginas ao acaso e conhecendo pouco a pouco as personagens antes de entrar no livro, sem se aperceber que já entraram no livro.

O livro é a metáfora da criação do criador do mundo. O judaísmo discute obcessivamente sobre o livro e a partir daí a sua impossibilidade de desaparecer, como tantas culturas orais, porque cada discussão do livro cria um novo livro. Discussões entre duas pessoas, como se costuma fazer nas yeshivot criam todos os dias centenas de livros. É por isso o povo do livro, e não porque se vendam mais livros ou tenha mais leitores que outros povos, o judaísmo é a discussão do livro. Segundo os levitas, o judaísmo não é a Bíblia, é a Bíblia interpretada pelo Talmud. Mas mais definida que essa, é a Bíblia interpretada pelos livros que interpretam o Talmud.

20.

Virão, no fim virão, como pássaros cegos, voando até edifícios sem intestinos, virão, os melhores com os piores, o amor com o ódio. virão juntos o melhor e pior num mesmo saco, num mesmo avião, numa mesma bomba.

Uma manhã nublada, antes da chuva, um dia ímpar, um dia capicua, um dia de outono um dia de manhã, um dia de ontem, um dia de memórias e de esquecimentos, um dia que já todos temos em nós, projetado como uma flecha que já tenha saído do sagitário, um dia virão e diremos todos mas se já sabíamos que viriam, e irá vir-nos a todos por surpresa.

21.

De repente, sem que nada esteja relacionado com nado, começam a vir todo o tipo de escritores a esta cafeteria. Os mais conhecidos e os menos conhecidos, que procurarão aqui, talvez saibam que ultimamente me sento aqui e querem vir a ver a fera. Querem vir a ver como escreve o macaco. Ou é tudo mera coincidência. Alguns até me cumprimentam. Procuram alguém, por vezes têm um encontro com outro escritor, os escritores encontram-se com outros escritores.

22.

Eu espero, sou daqueles que esperam. Espero que mude alguma coisa, passei a vida à espera. Passei a vida esperando a vida.

Que mude a minha mulher, que me deem um bom emprego, que reconheçam as minhas qualidades, que chegue esse amor.

Esperei-te toda a minha vida, mas não soube correr. Não soube correr quando te vi do outro lado da rua, quando te vi no autocarro, quando outros te convidaram para dançar, quando me deste o teu telefone. Pus-me a pensar. Pensei muito. Pensão no quão difícil era. Pensei em que pensava demasiado.

Eu passei a minha vida a pensar.

E agora neste bar, um café com leite, e a única coisa que me resta é esperar pela minha morte. Também a ela, amor de amores, invencível amante que sempre chega com um beijo, espero-a. Aqui nas alturas, ou ali no mar.

Eu espero-te.

23.

Hoje penso que a única coisa que o escritor pode escrever é o mais urgente, a única coisa que o ocupa, que o cativa no momento em que escreve. A história em si, a que se cria com um programa, embora este não se siga, está-se a tornar num desporto ou num negócio, e a deixar de ser uma arte inspirada. Há melhores e piores, mas já não é o que procuro nas minhas palavras.

Nem tampouco me proponho escrever um diário.

Sim, escrever a vida. A vida em sim. A vida em não. Escritura vital como a respiração e como o ócio.

Não acredito muito na sorte. Nem em coincidência. Esta carta que não conto o que contém, porque me incomoda. E ponho-me a divagar, a escrever sobre outras coisas. O que me conta é que é uma autobiografia de um nazi que se faz passar por um judeu e finalmente chega a Israel. Como o faz? Pode ser que não fosse tão difícil em 1945. Talvez algum soldado o fosse matar e recitou as famosas palavras que dizem os judeus antes de morrer, shema Israel Adonai elohenu Adonai ehhad, tê-las-ia ouvido centenas de vezes e dito no momento adequado. Depois veio um abraço com o soldado russo ou americano, vês, sou judeu, e depois as coisas começaram a acontecer. E chegou a Israel. Seria possível. Tudo podia acontecer em 1945. E depois casou-se. Teve filhos. Um dia, ia contá-lo à sua mulher. Os dias passaram. O passado ficou em silêncio. Deu um nome e disse que só tinha um irmão. Que não tinha família ou que toda a sua família tinha desaparecido. Ou algo do género.

E vieram os filhos, um, dois, reconheceram-lhe o talento como dentista ou como hematólogo, ou engenheiro, ou arquiteto. Ou, simplesmente, um bom burocrata. E vieram os filhos, ou aconteceu-lhe o que nos acontece a todos, um dia passa e chega outro dia, cria-se uma história e depois outra, o filho tem um problema de fígado e tem que ir aos médicos, compra-se um carro e depois troca-se de carro, talvez se tenha até divorciado e tido uma segunda mulher, e todas sabiam que com o Sem Nome não se falava de nada que tivesse acontecido

antes de 1945. Todos sabiam que ele não falava disso. E então os netos, talvez já bisnetos. O Sem Nome terá hoje mais de oitenta anos.

Tudo me parece lógico. Num país onde nada é lógico, tudo parece lógico.

A única coisa que não entendo é porque quereria o Sem Nome que eu escrevesse a sua história. Talvez até fizesse o que fazem todos os delinquentes e tivesse, nos seus textos, vestígios e pistas que o levem até ele. Sim, é por isso que quer que seja um escritor a escrevê-lo, para que a história não desapareça e todos os leitores pensem que é ficção.

Estava eu no meu livro das memórias, nos meus pensamentos sobre a memória e sobre a literatura, sobre a palavra e sobre o amor, sobre a filosofia do amor e sobre a vida que não se vive, e então chegou esta carta.

Claro que eu não tenho que contar nada. Posso ler a sua história, que me parece que ainda não se escreveu. E não seja escrita. Talvez seja melhor que ninguém leia uma história assim. Talvez seja por isso que me envia a mim. Eu não sou escrito de problemas do holocausto.

Entra aqui David Shamenoz, jovem e bonito, um escritor que escreveu já vários livros sobre a Shoah. É bem tratado por todos e bastante engordado pela sua fama. Pobre homem, não sabe que é a armadilha da maioria dos talentosos, e sobretudo quando chega a um escritor de tenra idade. Poucos, como Rimbaud, se apercebem de que é uma maldição. Outros chegam aos sessenta anos, para se aperceberem de que nunca puderam crescer como escritores, enquanto os seus livros se vendiam e eles se tornavam ainda mais famosos.

Talvez Shamenoz esteja aqui para ver se o Sem Nome o vê. Na melhor das hipóteses, o Sem Nome está-nos a lançar uma boa armadilha. A ele, a mim, a todos.

Shamenoz cumprimenta-me ao sair. É cordial. Não tem porque não o ser, como eu, que tenho todas as razões para não ser cordial, mas continuo a sê-lo.

24.

A maldição da fama. Às vezes é pior da que não ser lido. Uma vez li que os escritores japoneses publicam sete livros com pseudónimos diferentes, antes de publicar um primeiro livro com os seus nomes próprio. Nunca pude averiguar se isto é verdade. Mas não tem grande importância. A ideia é o importante. Ser anónimo antes de dar a cara. Hoje parece que o escritor é mais importante que o livro. A biografia do escritor. Como se isso fosse o que explicar a vida das personagens, que nem é assim tão importante. É tudo importante hoje, menos o livro.

25.

Penso que não virei, não virei na próxima quarta-feira, isto parece-me uma armadilha. Agora aparece Apelfeld, mas o que faz aqui, nunca vem a este café, senta-se a escrever os seus livros todas as manhãs no café de Bet Hakonfederatzia, que não me agrada minimamente. Mas para cada um sua cadeira e sua mesa, não é assim? Então porque é que vem aqui. Entram outros escritores, um de cada vez. E o pior que acontece é que deixei de captar memórias dos que entram e saem. Este assunto tem-me hipnotizado e deixa-me nervoso, deveria esquecê-lo, deveria continuar com a minha novela e com o meu tema inicial.

O que sempre acontece é que talvez o que o Sem Nome seja na verdade a novela, e todos estes escritores (mas nenhuma escritora) continuam a vir ver se ainda estou aqui sentado. Mas ainda me parece mais uma armadilha, e pode até ser de outro escritor, que tem um livro inacabado ou mal escrito, e que mo quer passar para depois me levar a tribunal e se tornar famoso e, como se sabe muito bem que um marroquino aqui não pode ser mais que um ladrão, porque não roubaria então livros e ideias de outros. Claro que os senhores não sabem, ou sabem vagamente, que tomei outros caminhos e que não tenho nenhuma intenção de escrever mais novelas em hebraico, pelo menos nos próximos cinco anos. Mas é algo que não podem conceber, um escritor marroquino deve ser um idiota e, em todo caso, se sabe alguma coisa, é porque o aprendeu aqui, e graças à grande ajuda dos ashkenazím. Num acreditam que sei espanhol, quando digo a alguém que gostaria de traduzir livros de castelhano, perguntam-me de que idioma o penso traduzir, mas se é a minha língua materna, digo, embora isso não me ajude, a próxima vez que o tema vem a lume perguntam-me novamente donde sei o espanhol, mas o mesmo com o francês e nem falemos no inglês. Se quiser que me falem, tenho que ser um idiota e que me ajudem a ser como eles. Não percebem como posso não querer ser como eles.

Mas o mais estranho é a Shoah. Em Lucena, a personagem principal passa pelo holocausto, uma crítica escreveu como era possível que um marroquino escrevesse sobre a Shoah. Pois o primeiro conto que escrevi na minha vida titulava-se "24 horas na vida de um louco" e era sobre a Shoah. Mas porque é que escrevo tanto sobre isso. Aborrece-me, mas é sobretudo cómico, e simultaneamente trágico.

O único que me falta é a história de um ex-nazi que chega a Israel e se converte num bom cidadão israelita. Por um lado, estão dois filhos de nazis que se converteram ao judaísmo, parece que há mais do que algumas dezenas, por vezes há um ou outro que dá uma entrevista, mas a maioria não são visíveis. É um fenómeno que já foi descrito em Talmud, que conta que os netos de Amman, o Amman que há dois mil e quinhentos anos anunciou primeiro a ideia de que

tem que se exterminar o povo judeu, converteram-se ao judaísmo e não só por isso é que se tornaram rabinos. Os descendentes daqueles que não puderam acabar com os judeus tornaram-se judeus.

Mas isso torna-me a mim muito inadequado para ser aquele que vai escrever a história deste homem que quer que saibamos algo sobre o seu passado. Não tenho dúvidas que, por detrás do tema se esconde uma história, mas uma história e um tema são coisas diferentes. Não se escreve uma história, escrevem-se palavras. Por isso, quando me falam de ideias, todos esses escritores frustrados, sempre digo que a ideia é muito boa, a ver se decidem sentar-se imediatamente e a deixarem de ser frustrados. Apenas o escritor sabe que as ideias não têm importância. As letras, as palavras, são as que fazem um livro.

26.

Chegou o dia marcado. Passei muito mal a noite, pensava que talvez perdesse a oportunidade de escrever um bestseller, mas é o que sempre faço. Pensei na Raquel e nas suas pernas, pensei nos meus livros e nas capas. E em um dicionário de nãoónimos, um dicionário que te indique a palavra menos adequada para uma que te parece que queres mudar. Por exemplo, em vez de terraço, propõem-se as seguintes palavras: courgette, peúga e lumbago. E poder-se-ia criar um programa que mude as palavras de forma automática. Quem sabe? Poderia ser um texto muito original. Penso isto devido a ter lido desses livros que poderiam ter sido bons de o escritor não tivesse passado dois ou três meses a consultar dicionários de sinónimos, e se estes dicionários se vendem tão bem, porque não se venderia bem um desses de nãoónimos. E pensei em como amava a Raquel, ou em como queria escrever um livro com ela, mas ela evitava o processo. Até já tínhamos a ideia.

Bem, esses são o tipo de coisas que penso quando não consigo dormir. Penso que não deveria usar em demasia a palavra também, a palavra bem, mas, além disso... que tenho tendência a utilizar em demasia.

Não irei amanhã, irei amanhã sim, ouvi uma vez que um guru, um tal Safra, diz que, quando tem a pergunta, a resposta vem com esta, mas que continuamos a disfrutar da dúvida para continuar dentro da pergunta, para acreditar que é uma questão importante.

Foi por isso que não me surpreendeu minimamente que na manhã seguinte a minha filha mais nova, Odelya, de oito anos, acordasse com febre e eu não tivesse outro remédio senão ficar em casa.

27.

Não sei quando começou tudo isto. Acontece-me tudo. Primeiro o enfarte do meu marido, ou não, a morte da minha mãe, o aborto, que era antes do quê, tudo

gira na minha cabeça, penso que começou com a morte da minha mãe, de cancro, um ano que não me deixava viver, que me chamava a meio da noite, dizia-me que não gostava dela, que ninguém gostava dela, e eu tinha que lhe dizer que sim, que gostavam dela, olha o teu pai, o teu pai diz que gosta de mim, mas é por culpa dele e das amantes dele, são eles que me estão a matar, e eu corria para ela a qualquer hora para a acalmar, que isso já tinha sido há anos, e não eram amantes, era uma noite com uma amiga e um affair de um mês, que são coisas que acontecem, sim, isso passa, mas a mim não me passam, sim, isso não lhe passava, e que lhe prometera uma e outra vez que ia acabar a minha tese de doutoramento, como se ela fosse a continuar a viver pela tese, o meu pai desesperado, e nisso encontrei o Carlos, um poeta cubano, que dizia estar apaixonado por mim, que nunca tinha estado tão apaixonado, mas se eu sou casada e tenho três filhos, já não sou uma rapariguinha, durante meses, mas eu continuava a encontrar-me com ele, agradavam-me essas relações que reforçavam a minha feminidade, que me traziam um pouco da minha adolescência perdida nas histerias da minha querida mãe que não me deixava sair com rapazes, tu fica em casa, e não me mates, tudo o que eu ia fazer ia-a matar, e nas memórias vagas de uma cidade natal deixada aos nove anos, para nunca mais lá voltar, amigos perdidos para sempre, o rosto de rapazinho sem nome que me olhou pela última vez, como se me dissesse lá nos veremos, essa cara que logo retornará, e nestes dois anos, estes dois anos que são uma vida, ou duas vidas, ou tantas vidas que se possam viver, no fim escrevi ao Carlos uma carta de despedida, depois de nos beijarmos uma única vez no carro, e não lha enviei, deixei-a entre a minha papelada, como uma carta que pudera ter sido escrita por um escritor qualquer, talvez para a meter num livro, numa novela um dia qualquer, mas quem a leu foi o meu marido, o meu marido, disse-me que o tinha magoado, disse-lhe que foi uma simples brincadeira, mas no dia seguinte ligaram-me do trabalho, que tinha tido um enfarte, para ir ao hospital, e eu, que faço que faço, vou por mim, vou por mim, apanhei um táxi, não me atrevi a conduzir o meu carro, tinha frio e medo, três dias depois morreu a minha mãe, quem sou eu, porquê a mim, assim estava durante meses de culpa, quando se publicou por fim a minha novela, que já estava há mais de dois anos na mesa da editora, um editora pequena e uma primeira pequena novela, uma das oito que tinha escrito e que nunca tive coragem de publicar, e essa novela chegou a esse rapazinho, que me prometeu verme um dia, recebi uma carta dele, era escritor, ele que me olhava na escola, e me contava que lhe chegou o meu livro por um amigo que lhe disse, olha que surpreendente, esta escritora escreve como tu, escreve sobre os mesmos temas que tu, sobre o exílio, ao princípio foi um consolo, eu via-me nele, gostava de falar com ele por telefone, já que vivemos

muito longe um do outro, mas de repente, os dois, ao ver-nos pela primeira vez, apercebemo-nos que algo terrível estava a acontecer, tínhamos os dois três filhos, e tinham nomes parecidos, tínhamo-nos casado com pessoas que tinham o mesmo nome! E eu não falava com o meu marido há meses, com um marido com o qual nunca soube por que me casei, nunca o entendi, ele disse-me simplesmente vamo-nos casar, e eu não disse que sim nem que não, casamo-nos seis meses depois, bem, aqui estava eu à frente do rapazinho que me olhava, e agora olhava-o eu, perdi a cabeça, mas ele disse-me que não, que não podia ter nenhuma relação sexual comigo assim, uma noite, duas, tanto faz, que sim, que já lhe tinha acontecido uma coisa parecida, embora já estivesse há doze anos casado, como eu, claro, como muitos outros, como eu, tinha-se casado a 11/12 e eu a 12/11, no mesmo ano, a milhares de quilómetros de distância, enviávamos e-mails um ao outro todos os dias, voltava a casa a qualquer hora para poder conversar com ele, e tínhamos sexo sem nos vermos e sem nos tocarmos, podia sentir as suas mãos no meu peito, necessitava das suas mãos, sentia-as a descer pelo meu corpo, a penetrar-me, ele disse que estava disposto a estar comigo, mas devíamos fazê-lo de uma forma adulta, divorciar-nos primeiro, o jogo, os meus jogos com o fogo da atração, que tanto joguei desde que me casei virgem, com um amante imaginário, em um ano tornou-se em algo sério e grave, mas eu não podia deixar o rapazinho que se convertera num escritor, não podia, porque era a primeira pessoa que me lia, que podia ler o que escrevia, e a primeira pessoa que me fez acreditar que era uma escritora, que sim, que era uma escritora, como Flaubert, ou como Colette, sem tirar nem pôr, depois do meu marido sempre me ter dito tu e os teus contos, ele deu-me a segurança para me impor e para publicar a minha segunda novela na melhor editora francesa, em Gallimard, mas um dia o meu marido leu os meus e-mails e soube de tudo, desta vez não teve outro enfarte, mas foi pior, um mês de gritos que se acabaram quando me descobriram um vulto no peito, que talvez estivesse relacionado com o aborto, não posso ter um filho no meu estado, tinha-me dito, uma gravidez estranha que começou dois meses depois de começar a falar com o rapazinho que se tornou no meu espelho, e depois dos gritos o vulto, a operação, os tratamentos, e no meio, menos mal, estava o livro que ia sair em Gallimard. Tudo isto em dois anos. Paris oprime-me.

28.

Passaram dois dias desde a data, apenas dois dias, e então chega uma carta do Sem Nome. Sem nome, sem (h)ome(m), sem nome. Dás-lhe nome a alguém e começa a viver. Disse-me que me escolheu a mim. Porquê? Porque fui o único dos escritores que não foi ao encontro. Dentro de alguns dias irá enviar-me as

primeiras páginas da sua história. Reitera novamente que não devo fazer nada que não queira com estas páginas e que me dá todos os direitos. Fi-lo dez vezes. Deve ser um escritor repetitivo.

29.

Querida Raquel.

Agrada-me o que ando a escrever ultimamente. Lembro-me que te ris de tantas mentes que escrevo, riamo-nos até que chegávamos a mentemente. Conto porque na primeira parte da autobiografia de García Márquez, este conta que um dia decidiu não utilizar advérbios que acabam em mente.

A mente, mente.

Estou muito feliz por se estar a criar um diálogo saudável e, finalmente, não forçado, entre o real e a ficção. Tal como diria S., é como se os meus sonhos pudessem conviver com a minha realidade. Embora saibamos que os sonhos são mais reais que aquilo a que chamamos de realidade nesta sociedade.

Não tinha a mínima intenção de que fizesses parte deste livro, mas vês, entras nele sem te ter chamado. Como um pássaro numa sala enorme com janelas próximas do teto, por entram e saem passarinhos.

Acordas agora, é domingo, e pensas outra vez em mim, questionaste, como eu esta manhã, onde estão as minhas mãos, e porque é que não podes estar abraçada por elas. Há meses que não percebo muito bem para que servem as minhas mãos, se não for para te abraçar.

Veio um tal Sem Nome ao meu livro, e envia-me cartas, quer-me contar contos sobre a Shoah (sabes o quanto odeio a palavra holocausto), o seu conto, algo sobre ter sido um nazi e se ter convertido depois ao judaísmo. Não sei sequer se deveria abrir as suas cartas. Incomoda-me. Eu queria escrever sobre as memórias de um captador de memórias, e não receber cartas sobre a Shoah.

Há dias, sabes, há dias que não suporto mais estar sem ti. Sinto-me como se me faltasse uma mão. Mas depois falo contigo por telefone e sinto-te muito distante, embora sem te aperceberes escapa-te um meu amor, e depois afastas-te outra vez. Tens razão, eu percebo. Eu também tenho medo. Eu também me afasto, já sei. Quero largar todo e ir buscar-te num cavalo branco, mas não sei fazê-lo, sei melhor escrevê-lo, mas não fazê-lo, já não me vejo a dizer à minha mulher que a deixo, ou talvez o veja, mas dá-me medo, preferia que o fizesse ela. Espero que as coisas passem por si mesmas.

30.

Aproximo-me dos cinquenta anos e tenho medo. Os amigos começam a morrer, outros caminham silenciosos com cancros e nunca se sabe quando podem voltar. Assusta-me mais a morte dos outros, os psicólogos dirão que isso

começou quando morreu o meu irmão, mas eu penso que já vem de antes, quando tinha cinco anos e morreu o meu avô e depois a minha avó. Assustam-me os outros que se vão, e tenho medo de amar, de amar aqueles que podem desaparecer de um momento para o outro, para sempre.

Assusta-me mais isto que a minha própria morte. À minha vejo-a como algo relaxante. Uma libertação do peso das minhas pernas, e da dor das minhas costas. Pode ser que não seja nada disso, pode ser que seja até pior. Mas ser um fim para um corpo que me dói.

Por favor não morras, tu não, preciso de ti.

31.

Sou um incoerente. Chegou o pacote do Sem Nome, vinte páginas muito mal escritas. Li-as. Não sei se te hei de contar, e o que contar, destas páginas. Não pode ser verdade, mas o pior é que parece sê-lo, não se escrevem mentiras tão mal. Apenas as verdades estão sempre muito mal escritas. Por isso todas as autobiografias não são mais que as mentiras que alguém conta a si mesmo sobre si mesmo.

Já sei que, antes de contar ao Sem Nome, me ponho filosófico e escrevo belas frases nas quais não acredito, ou que são belas porque enganam mais que aquilo que podem descobrir.

32.

Sem Nome nasceu em Viena, em 1925. Perto do fim da guerra, entra no exército nazi. Num dos primeiros dias salva um general, sabe tirar-lhe uma espinha que o estava a afogar. Graças a isso, o capitão decide que deve ser um grande enfermeiro ou médico, é filho de médicos, e envia-o para um campo de concentração nos arredores de Helm, no qual se fazem experiências em pessoas vivas. Sem Nome diz que passaram muitas poucas pessoas por esse campo, e que nunca o viu citado em nenhum lado. Nos últimos tempos encontraram uma fossa como nessa região e pensa que devem ser os cadáveres do campo. Nesse campo, torna-se ajudante de um médico, que faz experiências em judeus, ciganos e comunistas. Comparam atos como amputar uma mão sem anestesia e ver as reações durante vinte e quatro horas. Ou colocavam pessoas em água que ia fervendo pouco a pouco, para ver a que temperatura morriam. Sem Nome descreve muitas outras experiências que não vou escrever, para não dar ideias a ninguém. Há coisas muito originais... E que não venha ninguém a minha casa a procurar estas páginas, porque vou destruí-las no fim da sua leitura.

Não me da sequer nomes, nem especifica ruas nas quais viveu. Tudo passa num vazio terrível.

Alguns cinco meses antes de acabar a guerra, chega um autocarro com mulheres. Mulheres muito belas. O chefe do acampamento diz a todos que as mulheres são uma recompensa pelo bom trabalho que fizeram. E que cada um deles pode escolher uma mulher, levá-la para o seu quarto e fazer amor com ela até se cansar, e devolvê-la depois. É um presente de Natal.

Sem Nome reconhece uma mulher, é a irmã de um amigo judeu de Viena. Um amigo que lhe tinha roubado a sua amante aos dezassete anos, e que tinha ele próprio denunciado. Sem Nome vinha de uma família nazi, desde que começou o nazismo, e sempre se considerou um grande antissemita. Mas escolheu esta rapariga, e pela primeira vez pensou que podia salvar uma judia embora fosse apenas para poder estar quente todas as noites e para poder dominar uma mulher todos os dias. No momento em que a viu, pensou que ficaria com ela todo o tempo possível.

33.

Não consigo deixar de pensar nela como uma mulher que abriu as suas pernas a muitos homens. Não podia fazer amor com ela sem pensar nesses dois meses em que vendeu o seu corpo. Talvez tivesse sido esse fascínio que me levou a casar com ela há sete anos. Penso nos seus amantes como se fossem participantes num duelo comigo. Penso em como vinham esses homens depois do trabalho à La Coupole e sabiam que a rapariga com menos de vinte anos que estava ali a ler era uma prostituta. «E como o sabiam?» «Não sei, sabiam-no.» «E como te tratavam?» «Com muito respeito, mas não quero continuar a falar disso» Terminavam assim de repente os diálogos que me excitavam, até que deixei de falar da sua época de puta. Foi apenas um verão, mas de cada vez conta-me uma coisa diferente, foram dez clientes, era um por dia, já não sou a mesma. Sim, claro que não é a mesma, sobre isso estou mais que certo, mas continuo a pensar nisso, é uma obsessão. É como se, no momento em que deixasse de pensar nisso, a magia desaparecesse, iria converter-se noutra mulher diferente, é isso que a torna tão especial, são todos esses homens que me precederam, a facilidade com que ia para a cama com qualquer rapaz que lhe agradava e que tinha conhecido horas antes. Mas, quando era prostituta, tinha um amigo, Michel, que era o dobro da sua idade, que a seguia e lhe fazia sinal se o homem lhe parecia ou não decente. Mas o último cliente foi um jovem que veio a buscá-la num carro e a levou para sua casa. E gostou dessa vez. Mas a Michel não, toda a obsessão tem um limite, e então ele disse-lhe que acabara, que é perigoso quando se começa a gostar. Foi o seu último cliente. Guardou o dinheiro para sair de casa dos seus pais.

34.

Quando nos meteram no autocarro, pensei que seria a última viagem. Que já se tinham cansado de nós. Pensei em como, graças à minha beleza, ganhei uns anos de vida, talvez já não lhes agradem as austríacas, agora quererão húngaras, dizem que são mais belas. Quem iria pensar tal coisa? Eu tinha um namorado, ia-me casar e de repente tiraram-nos a todos de casa, por causa dessa avó, essa avó da qual ninguém falava há anos, de quem ninguém sabia nada, de repente estávamos do outro lado dos que odiávamos, éramos os odiados. Meteram-nos no chuveiro, despiram-nos, já não éramos nenhuma crentes e sabíamos que isto era a morte. Fomos vistas por um médico, que logo me disse, tu, anda aqui, falou com uma mulher com alguns cinquenta anos, mal vestida e gorda, e ela disse que sim. Levaram-nos então a mim e a outras vinte mulheres, diretamente da morte para uma festa. Vestiram-nos com os melhores vestidos, veio a cabeleireira, maquilharam-nos. Eu já sabia para onde ia, tinha sido salva pelo meu sexo, a minha sexualidade que ainda resplandecia apesar do meu medo da morte e da minha nudez. Levaram-nos para o baile e depois para a cama. A mim excitou-me esse homem para quem não podia sequer olhar, excitou-me loucamente essa mistura de morte e sexo, e o pensamento de que seria a primeira e última vez que faria amor, que isto duraria apenas um dia, e que amanhã passaria outra vez pelo chuveiro. Mas durou outro dia e outro dia, e uma semana, e um mês, e dois, às vezes passava um mês com o mesmo tenente, e não podia deixar de reparar na beleza de alguns, e que talvez fosse o mesmo criminoso do meu irmão ou dos meus pais, que já estavam mortos naquela altura. Não o sabia, mas sentia em mim que era a única sobrevivente do meu clã, e que tinha que fazer todos os possíveis para continuar viva, que tinha que rir para sobreviver, tinha que ser bonita tinha que continuar a ser a preferida de todos. Nem sempre era fácil, porque havia os que me batiam, o que eu fazia era dizer-lhes que isso me agradava, mas nas pernas ou na barrigão para que os paus não se vissem nos bailes, e ao próximo dizia-lhe que tinha que se apagar as luzes, porque assim o sexo é sempre melhor.

E um dia levaram-nos a um pequeno acampamento no autocarro, um autocarro nojento que me dizia que era o caminho da morte. Talvez o fosse, talvez seja uma morta desde esse dia.

Chegámos ao meio do nada, penso que passámos por uma cidade que se chama Helm, foi o que me disse o condutor e uns quilómetros mais à frente, no meio de um bosque.

Puseram-nos no corredor de uma cabana de madeira e passaram os clientes, chamávamos-lhe assim. Não pagavam dinheiro, a moeda era a vida. A vagina que dá vida a outros era o que nos salvava. Pareceu-me familiar, mas não o suficiente para conseguir lembrar-me de quem era. Levou-me ao seu quarto.

Dois dias depois contou-me quem era, fora amigo do meu irmão na escola, e tinham ainda uma namorada em comum, a sua namorada tinha ido com o meu irmão e então tinham-se pegado. Tinha menos dois anos que eu, e lembrava-se vagamente de mim. Então, disse-me que eu era o seu presente por ter sido um bom soldado e que podia ficar comigo o tempo que quisesse. Mas tinha que fazer tudo o que me pedisse. Bem, claro, tudo o que me peças, rapaz, aquilo que posso dizer é que me pagam muito bem por este sexo, dão-me a vida em troca das vossas perversões.

Durante meses não pude sair dessa pequena vivenda. Um quarto, uma casa de banho e meia cozinha. Pus-lhe soutiens e saias, pintava-lhe eu própria os lábios, porque era a única forma que fazia amor e que o seu pénis funcionava. Não era um amante excepcional, mas também não era malvado. O pior de todos estes homens é que eram humanos. De manhã faziam o que o Satanás esperava deles e à tarde regressavam para as suas mulheres e para as suas casas.

Tornei-me na sua mulher.

Quando terminou a guerra, casei-me com ele.

35.

Querida Raquel.

Quando penso em ti sinto-me a viver plenamente.

Entendo melhor a nossa relação depois de ler Abaddon, entendo também o porquê desse meu empenho de sempre em escrever ficções e não me bastar a poesia. Quando sempre me disseram que sou melhor poeta que prosista, e devo admitir que é verdade. Sabato compara a ficção com o sonho, algo que é real, pois todos sonhamos, mas que ao mesmo tempo não se rege pelas leis da lógica material diária.

Não acredito que a ficção seja o mesmo que os sonhos, mas sim que existe em todos, em todos os homens. Todos contam histórias sobre eles próprios, e todos vivem vidas paralelas nas quais são outras pessoas, e todos vivem nos outros em várias dimensões. Uma delas é a ficção.

Um homem e uma mulher atarem-se a diferentes níveis, podem ser estéticos, sociais, económicos, sexuais, espirituais, ou vários de cada vez.

Agora entendo que existe um nível de atração que não suspeitava na sua existência. O nível da ficção. Tu atraís-me na ficção Sinto-me como uma personagem dos teus livros, sinto que tu és uma personagem dos meus livros. A poesia não vem do mesmo nível. A poesia é o sagrado, vem do verbo, vem da primeira palavra Bereshit. Não se pode estar muito tempo na poesia, são minutos de euforia.

A prosa, a ficção, é uma parte oculta da vida. Um dia chegará o Freud dos contos, que analisará os contos como os sonhos. Embora eu espere que não venha, que não destrua o mistério da ficção, como os psicólogos destruíram os mistérios dos sonhos,

Querida Raquel, quero ser parte do teu livro.

36.

Oração do escritor:

Canção para o todo-poderoso, louvado sejam que nos deu a palavra.

Ajuda-me, no meu trabalho de escritor, a escrever para o bem e a evitar os pensamentos comerciais.

Apenas tenho o que escrevo e apenas recebo o que dou. Sei que a palavra emana de ti e do teu verbo, e escrevo-a para que regresse a ti.

Verbo sagrado, verbo que nos salva da destruição todos os dias.

Aprenderei a não ser vaidoso, e a não acreditar nem na fama, nem na glória.

Aprenderei a viver nas tuas palavras e na tua verdade. Peço-te que as minhas palavras digam algo mais que a página limpa, e que, através de mim, se escrevam as tuas verdades. Sou aquele que transmite as tuas palavras.

As palavras não são minhas. As palavras pertencem-te. Elohim das palavras. Em ti e para ti escrevo.

Evita-me os pensamentos sobre o meu tempo e sobre o efêmero.

37.

Chegou outra carta do Sem Nome, a terceira ou a quarta. Será que este tipo me vai enviar uma carta todos os dias e não me vai deixar continuar as minhas coisas?

Bem, agora explica os seus motivos. Todos têm motivos, os piores criminosos contam uma história, que os seus pais os maltrataram ou qualquer coisa que possa parecer bem à sociedade em que vivem. Era isso o que faziam todos, eram outros tempos, não matei tanta gente, outros mataram mais, eram só vinte e três, isso parece-lhe pouco, são vinte e três de seis milhões...

E a mim que me interessa?

Se este Sem Nome quer arrepender-se, que vá à polícia. Claro que o senhor não o pode fazer, tem filhos, netos e bisnetos, que são cidadãos conhecidos, apercebes-te, netos de um sádico que talvez dirijam este país, e não quer que eles sofram, por foi ele quem o fez, não eles, e eles não têm culpa de nada. E ainda por cima sofreram com uma mãe louca, que morreu jovem.

Que era, além disso, outra judia, o Sem Nome matou-a, teve que a matar, segundo disse, teve que a matar porque já estava louca e pôs-se a falar. Gritava pelas ruas eu sou uma puta e o meu marido é um nazi, e então deu-lhe um medicamento homeopático, nem sequer me diz o nome, tem medo que alguém o utilize, além disso o senhor é muito moralista, pensa nos outros. Deu-lhe esse medicamento durante meio ano, até que teve um ataque de coração. Ninguém podia imaginar que tinha sido eles até lhe fizeram a autópsia, mas essas substâncias mínimas não se conseguem encontrar no corpo. O do medicamento tinha-o lido num livro de homeopatia na Índia. Tratava-se de um efeito secundário de uma substância dada numa quantidade muito elevada. Bem, e então porque pensará que me pode interessar isto tudo? Além disso, liguei ao meu amigo Armando (sim, isso, deveria utilizar menos além disso) e perguntei-lhe o seu parecer legal sobre um manuscrito enviado de forma anónima e assinado que me concede todos os direitos. Disse para guardar todas as assinaturas. Mas que tenha cuidado. Eu disse-lhe que podia ser parte de um livro que não conheço e que talvez fosse alguém a passar-me a mão pelo cabelo, a tentar enganar-me.

Miúdo, disse-me, a ti não te resta muito cabelo.

Sim, o meu amigo Armando é argentino. E ainda por cima de Buenos Aires.

QUARTA PARTE

O regresso de Raquel

38.

Deixei de ler as cartas que o Sem Nome me envia. Mas guardei os envelopes fechados. Devia enviar-me três ou quatro páginas em cada um. Mal escritas e muito pouco literárias. Na verdade, tinha dito tudo. Se os autores se apercebessem de que explicam, em muitas páginas supérfluas, aquilo que já disseram muito melhor em muitas poucas páginas. Há em quase todos os livros de hoje em dia, uma redundância inaceitável, por motivos comerciais, de palavras sem sentido. Vede-se livros ao quilo, mais páginas vendem mais livros.

De qualquer forma já têm toda a história do Sem Nome, o sádico que se converte em vítima, a mulher vítima, a mulher violada que o salva para poder disfrutar da sua derrota e para poder fazer-lhe todo o mal possível. Uma relação

típica de sadomasoquismo que dura anos. Ele diz que a matou, mas pode muito bem ter sido ela a matá-lo a ele, e que seja ela a enviar-me as cartas.

E nisto entrou Raquel, faz dois anos que li o seu livro, e faz dois anos que lhe enviei o primeiro e-mail. Pensei estar a escrever algo novo, mas continuo com Raquel. Porque ninguém decide tanto o que escreve. Um escritor escrito pelas suas personagens. E eu sou uma personagem de um livro de Raquel.

Não é apenas a realidade que se insere na ficção, mas (novamente como nos sonhos) a ficção entra na realidade. No outro dia no Pub O'Donnell, bebendo uma Heineken, a minha mulher perguntou-me:

- E então, em que pensas?
- Penso na Raquel. A primeira mulher que me fala através das palavras.
- Pensei que já te tinha passado, pensei que já não era tão importante para ti.

E, depois de um silêncio longo, enquanto fumávamos os dois, ela o seu John Player Special, eu um Cohiba mini, e de fundo ouviam-se velhas canções de Bob Dylan, atreveu-se a formular a pergunta:

- E se a Raquel te dissesse amanhã que deixou o seu marido e quer que vás para ela, que farias?

Nesse momento soube muito bem o que tinha que dizer um homem normal, claro que não, claro que ficaria contigo, nestas situações tem que se mentir, para isso foram inventadas as mentiras, Raquel dir-me-ia para que magoar alguém, e eu responderia que as mentiras e os silêncios, as meias verdades e as pausas não magoam menos. Mas acima de tudo, nesse momento senti que estava de novo no livro, que a minha resposta estava escrita, que não podia dizer nenhuma outra coisa.

- Iria.

Claro, quem não iria com a personagem de um livro...?

Mas isso é algo que só um escritor pode compreender. - Não seria fácil para mim, não, nem acredito que nunca poderia dar por terminada a nossa relação, mas iria.

- Bem, pode ser - disse ela - posso entender isso, dá-te coisas que eu não te posso dar. Posso entender isso, mas isso não quer dizer que to vá facilitar.

Sorri.

- Torna-mo o mais difícil possível, fazendo-me amor fabulosamente, dando-me mais e mais carinho. O que não tem nada a ver com as teorias é que, desde que apareceu a Raquel, sinto-me mais próximo de ti. Devia ser o contrário, não? Saber que a Raquel existe dá-me uma tranquilidade relativamente ao sentido do mundo, da minha vida, uma tranquilidade que não tinha e amo-te mais. Voltaram os silêncios cheios de fumo.

Esta noite fizemos mal amor.

39.

Sonho com Javier Marías. Ando com ele pelas ruas de Madrid durante a noite. Falamos muito de literatura, até que chegamos ao assunto de Paris. Digo-lhe que escrevi uma novela sobre Paris, "Um Mês Parisiense". E depois pergunto-lhe se vai muito a Paris. Sim, por causa das suas amantes. Que no sonho são homens. Chegámos a sua casa e pede-me que suba com ele e que façamos amor. Digo que não. Que não é que não me agrada, mas não é para mim. Agita-se o sonho, acaba e volta novamente, noutra oportunidade regresso à porta para dizer que sim, mas nunca subo à sua casa.

Acordo a custo. Não tenho a mais pequena ideia das tendências sexuais de Marías, na verdade nem me interessam. Nem penso que seja um grande escritor. Embora me agradem, gostei sobretudo de "Amanhã na Batalha Pensa em Mim", e alguns dos seus contos. Mas, por alguma eventualidade, chegaram a minha casa em pouco tempo, seis ou sete dos seus livros, dos quais li três, e agora estou a ler "Coração Tão Branco".

Talvez se estabeleça uma forma de contacto através das palavras que alguém lê num livro...

A mim, na verdade, nunca me interessou muito encontrar ou conversar com escritores, se não for por motivos profissionais, creio que se um escritor não tiver dito o que pode dizer nos seus livros, nada pode ajudar numa conversa com ele. O pior é que falam muito bem, ou dão conferências muito boas, mas escrevem mal. Ou os que sabem muito bem aparecer na televisão, ou na Imprensa, ou em entrevistas, mas escrevem mal.

Não, não é o caso de Marías, escreve bastante bem. Mas que terá vindo a fazer nos meus sonhos...?

40.

- Bom dia.

- Vais-me a deixar, não é?

- Deixar-te? Já estamos casados á quinze anos... - Vais-te embora com a Raquel.

- Raquel... Seria estupendo. Mas a Raquel é uma personagem de um livro. A Raquel sou eu.

- Mas assusta-me. Angustia-me.

Quantas vezes tenho de dizer a mim próprio que nunca poderei acalmar as suas angústias. Mas sei que tenho de fazê-lo. Um sonho que tive há menos de um ano, um desses sonhos que parecem ser mais reais que qualquer realidade.

Estou com o meu filhos próximo do fim da Primeira Guerra Mundial em Istambul. Estamos num bazar, provavelmente do Grande Bazar, e há uma luta entre polícias e revolucionários, disparam todos sobre todos. Eu corro com o meu filho, que é um adolescente de 14 anos, e digo-lhe para me seguir, é de noite e há fogo por todos os lados, pessoas que caem de janelas, mortos nas ruas. Temos que sair do bazar, corremos e chegamos a uma porta de mármore, e ele corre atrás de mim, passo a porta e saio do bazar, mas quando me viro vejo que ele foi esmagado por uma pedra enorme que caiu de uma janela. Vejo-o morrer. Olho-o e chego a ver o perigo, digo-lhe tem cuidado, salta rapidamente, mas morre e eu tenho que continuar a correr, cada segundo pode ser a minha morte também. Termina ali o sonho, mas vejo muito claramente que sou a reencarnação desse pai, e a minha mulher é a reencarnação desse adolescente.

É isso que cria essa dependência e essa minha necessidade de apaziguar as angústias da minha mulher. Sinto-me na obrigação. Embora no sonho, ou o pós-sonho, diga à minha mulher que não o posso fazer. Continuo a fazê-lo. Não me parece nada saudável para nenhum dos dois.

O que têm estes sonhos, que são contados, dois ou três na minha vida, é que parecem completamente reais. Hoje posso recordar que o que me aconteceu nesse bazar, é igual ou melhor daquilo que me aconteceu na escola quando tinha dez anos.

41.

Não sei muito bem como continuar. Deve-se notar. Sigo o que diz o texto. Sigo a própria lógica das palavras. Se vai para ali, sigo-as. Posso abrir uma das cartas do Sem Nome, mas não o faço. As palavras não mo pedem.

Espero e desespero a iminente publicação da minha novela Lucena em Espanha. Publicada aqui há dois anos. Irá ser publicado na cidade de Lucena. Aquilo que me parece uma espécie de romance. Raquel (sempre a Raquel) enviou-me, faz um ano e meio, um e-mail e disse-me que há uma editora em Lucena. E enviei um e-mail. Lara Cantizani responde-me dias depois que quer publicar a novela para a poder ler.

Quando comecei a escrever a novela, não sabia que existia uma Lucena moderna, pensava que tinha desaparecido no século XIII, e agora o livro é publicado em Lucena. Talvez tenha sido uma invenção do livro.

Embora tenha conseguido acabá-la após cinco anos a batalhar com as palavras da novela, depois de uma viagem a um domingo de manhã a Lucena, na última semana do ano de 1999. Viajei por Málaga, Sevilha, Córdoba e Lucena. Com a minha mulher. Ela estava de férias, mas eu nunca trabalhei tanto como nessa semana.

Retornou, mas não para voltar. Voltar, voltar, esse verbo tão impossível, porque não se pode voltar a nada. Há alturas na vida em que se nos abre uma porta. Uma porta que dá para outro mundo que está neste mundo, e se não entrarmos nessa porta, ela não se abrirá jamais. O que me atemorizava tinha passado. Havia outro homem, alguém que podia fazer aquilo que eu não podia, podia consolá-la. Suspeitava disso. Pensei que me fosse doer, mas senti-me aliviado, está nas mãos de outro. Senti-me aliviado, porque sonhamos a nossa vida toda com essa porta, com essa passagem, pela qual entraríamos num mundo de compreensão e de amor, mas, quando se abre essa porta, somos assomados por um medo terrível, queremos algo mais humano. Algo à nossa medida, uma comunicação humana, e não sentir sempre o que o outro sente, estando a milhares de quilómetros de distância. Isso não a assustou apenas a ela, assustou-me a mim também, e, embora tivesse dito que estava disposto a confrontar essa situação, e estava, assustava-me. Por isso senti-me aliviado, relaxado.

Mas não se foi, porque ambos sabemos que ninguém se vai. Que cada pessoa deixa em nós a sua marca, e que ninguém se pode ir, ninguém pode nem chegar nem ir. Chegar, porque esse contacto total entre duas pessoas não é humano e ser-nos-ia impossível aceitá-lo, e ir, porque continuamos no mesmo planeta, e se alguém morre, no mesmo universo.

Embora acredite, ou pelo menos prefiro acreditar, que eu estava mais preparado para uma relação de almas gémeas do que ela, porque entendo que as almas se reencarnam em umas mesmas famílias de almas, e que recordamos, e mudamos de papel, de função, para aprender como se sente do outro lado. Eu penso que eu já a esperava mais a ela, que ela a mim, ou era mais consciente da espera.

Quando digo que estou disposto a deixar tudo, é porque o sinto. E porque o faria.

E o mais complicado é que este encontro não me só não me afastou da minha mulher, como me aproximou dela. Percebi que não podia ser outra para mim, e que havia partes que não podia preencher. E essas partes estão noutra parte.

42.

Posso contar o número de palavras escritas até agora, vinte e seis mil. São muitas. Posso abrir outra carta do Sem Nome. Uma à sorte. Aqui descreve o amor à sua mulher, ex-prostituta dos nazis, a que foi salva pelo seu corpo e beleza, essa que pedia que a continuassem a violar, porque era a única forma de se salvar. O Sem Nome não a nomeia, para mim é Margarita, chama-se Margarita, é assim porque tem que ter esse nome. Mas ele não a nomeia no texto, é a mulher, a minha mulher, essa mulher, única mulher, mulher especial.

Porque ela nunca disse nada a ninguém, aceitou o amor do Sem Nome e retribuiu a sua ajuda, a sua dívida, com um interesse enorme, vinte anos juntos. Nunca se queixou, até que começou a enlouquecer. Simpático, o Sem Nome questiona-se se, em todos estes anos, não sofreria ao fazer amor com uma pessoa que tinha morto o seu povo, e talvez a sua própria família. Mas Margarita não se sentia parte desse povo, sentia que era um engano e, em todos os seus anos de vida, nunca disse que era judia, dizia que a queriam matar porque a consideravam judia, mas nunca disse que era judia. Embora o seu filho o fosse.

Torno a ver quantas palavras escrevi, é uma mania, não sei porque o faço, é como se pudesse marcar um campo. Conquistei as dez mil, as vinte mil, as trinta mil, é como uma guerra, contando os quilómetros até à capital. O prémio capital. O livro capital.

Chegaremos. Penso que muito daquilo que escrevi nos últimos anos o fiz para que a Raquel o lesse. É necessário um leitor, um locutor, para se poder continuar a acreditar na palavra. Meir Wieseltier, poeta israelita, conta que quando morreu o seu melhor amigo, Yair Horowitz, deixou de publicar os seus poemas durante dez anos. Eram vizinho e, quando escrevia um poema, ia a casa de Yair e mostrava-lho. Quando o leitor privilegiado deixou de existir, já os poemas tinham outro sentido e outro ritmo.

Não sei como são tantos leitores, mais de 37, mas lembro-me de falar uma vez com Pedro Paixão no hotel Sheraton de Minoestar, numa tarde de inverno, que me dizia: «Não aguento mais, tenho demasiados leitores, demasiado seres que me leem, e em Portugal já não posso escrever. Deixam-me louco. Sabes como é difícil quando te leem tantas pessoas.» Porque cada leitor cria uma relação diferente com o escritor, embora não se encontram nem saibam quem são. Uma relação cria-se através de palavras. Por isso, há uns anos, Pedro veio a Mino estar para poder escrever os seus livros. Talvez os seus melhores livros.

Um pensamento que não me larga: Todas as guerras e todos os conflitos, e a necessidade do homem de dominar a terra, fizeram-se para poder sonhar. O gato que vive na natureza está sempre vigilante, não pode realmente dormir. O homem precisa de sonhar para poder viver, e é isso que lhe impõe a necessidade de ter países, de viver em clãs, de lutar por um espaço no qual pode dormir e sonhar.

QUINTA PARTE

Diálogo

43.

A minha idade.

A idade da Raquel.

Meia vida. Talvez. Talvez já tenha vivido noventa por cento da minha vida. Não sei. Embora, quando penso na velhice, veja essa velha enrugada em Lisboa, que se dedicou num sábado a ler-me as mãos. Disse que teria uma vida muito longa. Estava eu com um amigo, Amram Abessera, finais de noventa, num congresso de medicinas naturais. Amram disse-me que não importava a longitude da vida, importava sim que tipo de vida se vivia. Morreu dez anos mais tarde, aos sessenta. Jovem. Agora essa frase tem outro significado. Talvez ele soubesse que não ia viver muitos mais anos. E era uma forma de justificar a sua morte prematura.

44.

- Espero-te.

- Tu, sempre à espera.

- Espero deixar de esperar.

- Outra espera.

- Estou aqui e continuo à espera.

- Pelo que é que esperas?

- Sei lá eu, o que vier, um comboio, um avião, uma mulher, um homem, um livro, um caderno, uma frase, uma bebida, a tampa de uma garrafa, uma casa, um barco, um carro, uma mula, uma bicicleta, uma mão.

- Ninguém virá.

- Sim, virá algo ou alguém. No fim chega sempre alguma coisa. - Mas não é o que esperas.

- Não, claro que não, mas espera-se isso, porque se sabe que nunca virá o que se espera, virá outro algo. Esperamos o outro.

- E porque esperas aqui?

- Porque tem que se esperar nalgum lado.

45.

Pode-se escrever frases impossíveis, escrever depois da minha morte iremos passear por ruas semidesertas, pode-se escrever em Marte, a tua cara tem melhor som, pode-se escrever antes de nascer já te toquei nas mamas, coisas que não podem ter acontecido.

Podem-se recordar coisas que nunca aconteceram. Recordar que passeei pelo Mino estar quando tinha quinze anos, embora a primeira vez que o meu passaporte regista uma entrada em Mino estar seja seis anos depois, mas eu recordo como passeava por Mino estar de bicicleta quando tinha quinze, como

os rapazes me sorriam, sim, esses quinze anos era mulher, e resplandecia ao sol de julho, pela rua Pereire e pela Avenida de Ternes, pela Castelhana, e pela Avenida da Paz, ou pela rua Taxim, pelos cafés da rua 48, os restaurantes baratos de Pierre Koenig, ruas, avenidas, era mulher e os homens sorriam-me, enquanto eu me questionava pela primeira vez porque é que me olhavam homens com mais de cinquenta anos, que podiam ver que numa criança, mas já não era uma criança, tinha deixado de ser uma criança, o meu corpo era diferente, era outro, tinha-me tornado noutra, num ser completamente diferente de há uns anos atrás, podia ter quinze ou dezoito, podia ser mãe, como a minha mãe, ter filhos, fazer amor, ter amantes, embora continuasse a sentir-me como uma criança que ainda quer brincar mais um pouco com a sua Barbie.

Posso escrever quando vivia em Madagáscar, embora nunca tenha vivido em Madagáscar. Mas se o escrevo, no momento em que o escrevo, já vivi em Madagáscar. O passado muda o momento em que escrevo essa frase. Mas que acontece quando digo que depois da minha morte te encontrarei em Mino estar.

Isso, exatamente isso, temos um compromisso.

46.

- Aqui na linha direita, esperam-te aqui.

- Quem?

- Eles, os que te esperam.

- Para quê?

- Como para quê? Se passaste a vida à espera deles. - Esperando, eu, eu sou aquele que espera.

- Pois enganaste-te, eles esperam-te. Esperavam-te noutro lado. A meio quarteirão daqui. Trouxe-tos. Agora já vos entendeis.

- Onde são?

- De Lucena. Cada um deles nasceu num século diferente. São quinze.

- E o que faço agora?

- Vais com eles.

- E então... Quem ficará a esperar aqui? A qualquer momento pode chegar alguém ou alguma coisa e, se não estou aqui, terei deitado toda a minha vida ao lixo.

- Mas eram eles que tinham de vir.

- Pode ser que sim, mas pode ser que não, talvez alguém que vai chegar que sim, ou alguma coisa.

- Olha, é a tua oportunidade, são quinze e vão a esperar onde estavam, e digo-te que são eles, são eles os que esperavas. Então decide-te, ou vão-se embora e continuarás à espera.

47.

Ir-se-á?

O que espera ou a que espera a vida toda?

Pouco sabemos sobre ela, mas sabemos que espera. Espera talvez um amante, um amor, um cavalo branco, mas talvez espere apenas um avental, uma colher que lhe recorda a sua infância, um garfo, um beijo efêmero de um avô, não sabemos o que espera. Ela também não sabe, ou se sabe não nos diz, e nunca o dirá. Há anos que espera. Espera a vida toda. Mas quando chega o que espera, não pode deixar de esperar, desespera. Desesperar, deixar de esperar é o desespero.

Temos de esperar.

48.

- Deixámos no caminho fêmeas e membros, deixámos pesadelos e gravatas, deixámos pecados e empadas, deixámos dedos e olhares.

- Deixamos o que mais nos convinha.

- Deixamos as costas, deixámos as sombras, e agora prosseguimos sozinhos, sozinhos como no início do mundo.

- Nada nunca começa, nem sequer as madrugadas dos pássaros.

- Deixamos latas de conservas, seringas de plantas, hipotecas, deixamos as nossas camisas penduradas em ramos de árvores.

- Y agora caminhamos descalços nas ruas sujas, mais rápidos que a velocidade da luz, mais amigáveis que a mentira da luz.

- Olha-me agora, beija as minhas mãos, pede-me perdão.

- Peço-te que me desenes fatos de palhaços e sorrisos de touros.

- Olha bem para mim, e logo o teu olhar será amputado de mim. Os teus olhos converter-se-ão em flores.

- As tuas mãos em rios, o teu sorriso em ilhas.

- Resta pouco tempo, resta sempre pouco, mas esse tempo é nosso.

- Este, o nosso tempo, este, o melhor tempo.

- Anota, anota, há que agarrar palavras o mais rápido possível, antes que o tempo as leve. Anota que nós fomos testemunhas.

- Testemunhas do quê?

- Testemunhas de um tempo em que ninguém queria ser testemunha, em que todos queriam comprar.

- Fomos testemunhas das suas compras. Dos seus valores.

- Daquilo que não valorizaram. Daquilo que não compraram.

- Pede-me perdão no grande dia dos perdões, no dia dos perdoados.

-Peço-te o livro de ausência.

- Dou-te caras de olhos aguçados, folhas de alcachofras marítimas.
- Peço-te o livro do medo.
- Dou-te os churros de Tetuão.
- Peço-te o livro da saúde.
- Dou-te a colher de óleo.
- Peço-te o livro da juventude.
- Dou-te o tempo. E o vento que leva o tempo.
- Peço-te o livro dos mortos.
- Dou-te a vida. Dou-te a vida. Hoje. Não me peças mais.

49.

Nós

Os marginais, os expulsos, os esquecidos, os que acreditamos na palavra, os que lutamos pela palavra daqueles que perdemos em todas as batalhas

Os inocentes

Os que acreditamos que a qualidade é o único valor, os que pensamos que nos irão valorizar pelos nossos méritos, os que dançamos com a arte para abençoar uma pista, os que não ganhamos os prémios, os que escrevemos livros invendíveis, os que rezamos

Os que começamos por ser bons e acabamos amargados e frustrados

Os que começamos com muito talento e acabamos desolhados

Os loucos, os que nos tornamos mais e mais loucos, os loucos de manicómios

Os que sabemos que é o mundo que está louco, os que não temos nada a perder porque nunca ganhámos nada

Os que vimos ao mundo a dar e não a receber, os que abrimos portas a outros

Os que enchamos quadros de palavras e parques de lixo, os que nos vestimos com papel e escrevemos com tinta sangrenta

Os que não sabemos como falar com um editor ou com um agente, os que não sabemos porque outros escrevem quando podem

Os que nunca encontramos a razão exata da nossa obsessão, nem a procuramos

Os que traçamos as frases e os livros de escritores futuros, os que nunca ouvem a palavra obrigado e sempre agradecem, os que ajudamos e nunca somos ajudados

Os que amamos os talentosos e odiamos os medíocres

Os que dizemos a verdade, os que amamos a arte, os que andamos descalços sobre parques de palavras.

Nós, que somos tão poucos.

FIM

Gostaste?

Podes continuar a ler as outras 6 novelas que constituem esta obra, ou comprar as 7 novelas de Amor e Exílios num volume na Amazon.

Amor e Exílios é uma obra cíclica escrita por Moisés Benarroch, poeta e novelista, galardoado com o Prémio Amichai e com o Prémio do primeiro-ministro e autor de mais de vinte livros, publicados nas melhores editoras de Espanha e Israel, como Destino e Hakibutz Hameujad. Amor e Exílios foi publicada em 2010 pela editora Escalera em Madrid, constituída por sete novelas. As novelas completam-se e, ao mesmo tempo, destroem-se para criar novas possibilidades.

Inclui as 7 novelas:

A Catedral, Renée, O Ladrão de Memórias, Raquel Diz, Muriel, O Expulso, O Encharcado.

Compra a obra em [Amazon.com](https://www.amazon.com)

Raquel Diz (algo totalmente inesperado).

Há alguém atrás de nós que nos diz que existe algures outra pessoa no mundo que vive uma vida paralela à nossa que sente o mesmo, que talvez até esteja a fazer o mesmo neste momento. Mas o que acontece quando duas linhas paralelas se encontram? Acontece o impossível e o que não deve acontecer. Se a alma gémea existe e se sentimos vontade de nos encontrarmos com ela, isso não quer dizer que o encontro nos facilita a vida ou nos dá soluções.

O Expulso

Quando os sefarditas foram expulsos de Espanha no século XV e chegaram a Marrocos, foram denominados "Megorashim" (expulsos), termo que se opunha ao dos "Toshabim" (os nativos). No entanto, durante séculos, não foi um termo pejorativo, pelo contrário, ser expulso era pertencer a uma espécie de nobreza. Quinhentos anos depois, o narrador sente-se expulso de tudo, do seu povo, da sua família e amores, países para ir compreendendo aos pucos que "Me tinha convertido, tal como os meus antepassados, num expulso."

A Catedral

A catedral desenvolve-se numa metrópole real e futurista, construída à volta de um centro comercial que inclui tudo, desde lojas até clínicas, restaurantes e livrarias. Os bairros chamam-se "Coleiras" e leva a cidade até ao fim da civilização, onde acaba a cidade e começa a guerra. Sandoval e Sandra vêm-se perseguidos por tentar sair da catedral sem fazer nenhuma compra, pecado penal num mundo onde comprar é uma religião, "Comprem para o seu futuro, o futuro é comprar" reza uma espécie de muezim a partir dos altifalantes do centro comercial chamado "Catedral", que talvez tenha sido uma sinagoga no passado. Sandoval chega até ao limite da cidade e vê aí os que tentam e não podem entrar nela, para nunca mais poder voltar a ser quem foi e a refugiar-se nos textos do seu pai, que lhe falam de outro passado, de outro mundo.

Entre a ficção científica e a crítica social, uma novela para o novo milénio.

O Encharcado

A viagem até ao passado que é o futuro. O narrador regressa a um amor que se esfumou há vinte anos atrás, para encontrar a sua amante já casada, ele acredita que ela tem interesse e, reatar a sua relação, mas ela vai ao seu encontro por motivos muito diferentes, no entanto não tem o aborto resolvido, o fruto do grande amor que apenas deu um feto sem vida. Na altura parecia o inevitável, mas com o tempo apercebe-se que o feto não só impediu a vida de outro ser, mas também impediu o nascimento de uma mãe, porque, como se vai apercebendo, cada filho cria uma mãe diferente. O diálogo entre os dois é tão impossível como a tentativa de recriar o passado, depois deste se ter desligado dele.

Muriel

Depois de um atentado, o narrador perde os sentidos e entra num carro que não é seu e viaja a toda a velocidade pela estrada do mar morto. Tem um acidente e é confundido com o dono do Fiat Punto que morre no atentado. Passa muitos meses em coma, mas ao acordar apercebe-se que está noutra vida, outra vida que talvez tenha sonhado, ou talvez esteja a sonhar durante esses momentos. Depressa se vê livre de uma relação que não podia suportar mais e entra no jogo de ser outro alguém. Parece que todos sabem que ele não é ele,

mas ninguém pode recuar. Volta a espiar a sua velha vida, para descobrir que todos estão melhor sem ele. A novela Muriel é um desafio que pensamos ser o nosso eu íntimo, à crise da individualidade, às mentiras do mundo moderno.

Renée

É possível o reencontro depois de décadas?, E então quem é que se volta a encontrar? Três amigos de Madrid juntam-se num verão aborrecido e quente, para dar um salto a Paris, lá vão às prostitutas, os três com pouca ou nenhuma experiência sexual. Os três saem diferentes dessa experiência e deixam a sua amizade de lado, cada um deles carrega em si um segredo desconhecido dos outros e que não quer partilhar com eles. A amizade aberta torna-se numa série de silêncios que acaba por a exterminar. Vinte anos depois, o narrador encontra-se com a prostituta parisiense, ou assim o pensa, e vai descobrindo aquilo que não queria dizer a si próprio, assim como aquilo que ocultavam os seus amigos.

O Ladrão De Memórias

Acontece-nos a todos por vezes, quando falamos com um irmão sobre uma memória de infância e de repente ele nos diz, mas se foste tu que fizeste isso, fui eu. E isso parece normal. Mas, do que é que nos lembramos quando nos lembramos? Os estudos científicos mostram que, em menos de vinte e quatro horas, já mudámos a memória do que nos aconteceu. Talvez as nossas memórias não sejam tão nossas, são nossas em parte, em parte são os que nos contaram outros que estavam no mesmo sítio, e outras são talvez memórias de outros que, com o tempo, se vão infiltrando no nosso registo cerebral. O narrador de "O Ladrão de Memórias" não rouba memórias, no entanto sente-se um ladrão, porque tem a vocação de captar por vezes as memórias mais íntimas de outras pessoas, para depois de aperceber que já não consegue diferenciar as suas memórias das dos outros. O Ladrão de Memórias é uma autografia do mundo inteiro.

"Tive poucas vezes a oportunidade de ler no formato Kindle um livro com as características de "O Ladrão de Memórias". Mois Benarroch tem a estranha particularidade de falar de qualquer coisa, e de o fazer de tal forma, que não se pode fazer outra coisa senão continuar a ler. Compilei muitos dos fragmentos do seu livro, porque me pareceram interessantes, intuitivos, e penso que estou quase a acreditar que de facto, o autor é um ladrão de memórias:

"... Mas há uma que não me importa. E todo o texto é autobiográfico. Todas as personagens são o autor. Nada de original nisso. Eu sei. Mas não me refiro a que todo o texto esteja baseado na vida do escritor. Muito pelo contrário. Está baseado na não-vida do escritor. A mulher que aparece no texto de um escritor masculino é a mulher que não foi desse escritor, e vice-versa, o homossexual será o que não foi, o rico é o rico que o escritor imagina ter sido, se for pobre. O escritor define-se pelo que não pode ser. O que não pode ser não é infinito. Ninguém pode não-ser outro qualquer. Pode ser apenas personagens ou pessoas que consiga imaginar..."

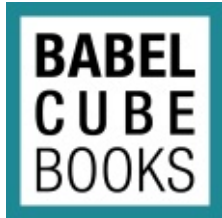
Tenho lido, como referi, outro tipo de livros, thrillers, livros de suspense, de mistério, de ação, mas é a primeira vez que me deparo com um texto que poderia chamar de filosófico. Recomendo-o. E espero que o autor não lhe roube as suas memórias. Bem, na verdade, aconteceu-me antes com uma de Pablo Fergó. Mas este espaço compete totalmente a Mois Benarroch." Blanca Miosi, autora de "O Legado"

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com